

---

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

---

**EVANDRO YORIOKA FERREIRA**

**INTERFERÊNCIA PSICOLÓGICA EM  
EQUIPES QUE DISPUTAM CAMPEONATOS  
COM “MANDO DE JOGO”: O CASO DO  
FUTSAL/UNESP 09.**

EVANDRO YORIOKA FERREIRA

INTERFERÊNCIA PSICOLÓGICA EM EQUIPES QUE DISPUTAM  
CAMPEONATOS COM “MANDO DE JOGO”:  
O CASO DO FUTSAL/UNESP 09.

*Orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado*

:

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Instituto de Biociências da Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio  
Claro, para obtenção do grau de Licenciado em  
Educação Física.

Rio Claro  
2009

796.01 Ferreira, Evandro Yorioka  
F383e Interferência psicológica em equipes que disputam  
campeonatos com "mando de jogo": o caso do futsal/UNESP  
09. / Evandro Yorioka Ferreira. - Rio Claro : [s.n.], 2009  
59 f. : il., gráfs.

Trabalho de conclusão (licenciatura - Educação Física)  
-Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências  
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Esportes - Aspectos psicológicos. 2. Público Espectador.  
3. Competição. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

**Dedicatória**  
À minha família pelo carinho e apoio.  
Obrigado.

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço a minha família que sempre me apoiou e me manteve. Mas acima de tudo isso agradeço a minha mãe por tudo feito até agora nesses 24 anos e por ser fundamental no que sou hoje. Também agradeço minha vó que gostaria de presenciar este momento, mas que, com certeza, está muito orgulhosa e feliz pelo seu neto.

Agradeço agora às pessoas que passaram pela minha vida nessa jornada; ao BLEF 05 cada um com sua importância, ao LEF 06 por ter me recebido de braços abertos na minha volta, dentro do LEF 06 a Esther e a Marina por me aturarem nos nossos estágios, a rep. Yakuza onde passei os cinco anos; Chicão pelas palhaçadas mesmo sem querer, Cesar pelas risadas, Felipe por sempre saber onde esta (o que é muito importante perto de mim), Mary pelas inúmeras viagens, a Pam (apesar de ter sumido) por ter nos aceitado, a Salma que entrou para “família Yakuza”.

As próximas pessoas estão em um lugar muito importante pelo apoio no momento difícil vivido, Cródia pelas conversas e viagens, Stella pela preocupação, Robson pelas conversas pelas madrugadas e a Rapha pela amizade, apoio e por ter descoberto que é muito mais que amiga, sem vocês talvez não teria completado essa jornada.

Por fim ao meu orientador, que mostrou como ter força nos momentos difíceis além da ajuda na conclusão deste trabalho.

## Sumário

	<b>Páginas</b>
Dedicatória	04
Agradecimento	05
Resumo	07
1. Introdução	08
2.Revisão de Literatura	09
2.1.Futsal	09
2.2.História do Futsal	13
2.3.Psicologia do Esporte	15
2.4.História e evolução da Psicologia do Esporte	16
2.5.Atuação do Profissional da Psicologia do Esporte	19
2.6.Competição Esportiva	21
2.7.Público Espectador	25
3.Procedimentos Metodológicos	30
3.1.Objetivo	30
3.2.Sujeitos	31
3.3.Análise e Discussão	32
4.Considerações Finais	52
5.Referências Bibliográficas	54

## **Interferência psicológica em equipes que disputam campeonatos com “mando de jogo”: o caso do futsal/UNESP 09.**

*Evandro Yorioka Ferreira*  
*I.B./UNESP – Universidade Estadual Paulista*

Como a busca por vitórias se torna cada vez mais difícil no esporte coletivo, qualquer vantagem é vista como um diferencial em cada partida. Além da vantagem física e tática, que seriam os mais tradicionais, os treinadores buscam outros meios como vantagem psicológica ou jogar com o mando de campo, que para muitos não passa de ter a torcida a favor, mas para os jogadores e treinadores a torcida tem papel importante de incentivar e para os adversários os deixar nervosos, também não se esquecendo da vantagem de conhecer e treinar no local do jogo além de poupar os atletas do desgaste de viagens. Este trabalho visa verificar como o mando de campo interfere nos atletas de futsal, além de como as variadas torcidas influenciam os jogadores durante a partida e como os atletas vêem seus companheiros de time. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, pela técnica de questionário fechado, que possibilitou a compreensão do fato em estudo, ampliando nossa visão. No decorrer de nosso estudo constatamos que de maneira geral jogar em casa é fator determinante para o resultado final da partida, o que menos motiva os atletas é a possibilidade do juiz ser influenciado pela torcida local e que o grupo masculino é mais fácil de ser motivado do que o grupo feminino. Com os resultados obtidos o treinador passa a conhecer melhor seus jogadores, podendo assim, talvez, escalar o time melhor em momentos difíceis.

## 1-Introdução

Competir já esta na natureza do ser humano, e ele já não consegue viver sem a mesma, seja no trabalho ou ate mesmo em horário de lazer. No esporte a competição ganha ares mais sérios, levando os atletas ao estresse psicológico, seja por motivos intrínsecos ou extrínsecos. Tais motivos afloram em determinadas situações, como por exemplo a torcida ou o local do jogo, nas quais cada jogador reage de um jeito. Uma variável pode ser jogar “em casa”, o que traz pressões a mais, como a torcida de familiares, amigos e mais pessoas a seu favor. Há jogadores que reagem positivamente a essa situação melhorando seu desempenho durante o jogo, porém outros jogadores podem sofrer uma queda de rendimento na mesma situação.

A psicologia do esporte tenta entender essas variáveis de resposta dos indivíduos aos elementos extrínsecos de forma a tentar ensiná-los a utilizá-los como motivadores, uma vez que os mesmos são inevitáveis na vida competitiva.



## 2 - Revisão de Literatura

### 2.1 - Futsal

“O futsal é um esporte que surpreende pela rapidez e amplitude de sua progressão e que se impõe pela atração que desperta. O futsal provoca ação, superação de esforços, competição; é um meio de expressão e revela os limites de cada um, favorecendo o conhecimento pessoal. Ele proporciona uma gama de ações durante a sua prática e desempenha importante papel no aspecto social da vida moderna, pois surge como um refúgio capaz e seguro de preservar a integridade física e moral do homem” (MUTTI, 1987).

Segundo Tolussi (1986), o jogo de futsal é desenvolvido numa quadra, onde os espaços devem ser devidamente explorados e ocupados, através de uma linguagem de comunicação comum entre seus participantes. Linguagem esta que adquire conotação diferente em função da posse ou não de bola e da busca do gol.

O futsal tem um valor social muito grande, servindo de veículo de aproximação entre os indivíduos. Em qualquer comunidade encontramos nos programas de lazer, não só pelo valor social, mas por ser também recreativo (TEIXEIRA, 1979).

Para a prática do futsal necessita-se de inúmeros fundamentos para ações ofensivas e defensivas, os principais são:

- Domínio: é a habilidade de recepcionar a bola.
- Controle: diferente de dominar a bola, o controle refere-se a manter a bola no ar, com toques de uma e de outras partes do corpo, sem deixá-la cair ao chão (embaixadinhas).
- Condução: é quando se leva a bola pela quadra de jogo. A regra básica é que a bola deve estar próxima a quem conduz. Essa condução pode ser feita em linha reta (retilínea) ou em ziguezague (sinuosamente).

- Chute: é o contato com a bola em direção à meta adversária ou para afastar o perigo de um ataque adversário (o chute é o mesmo, o que muda é o objetivo). Pode ser rasteiro, meia-altura e alto, com o dorso do pé ou de peito de pé, de bate-pronto ou semi-voleio, de voleio ou sem-pulo de bico e por cobertura.
- Passe: quando alguém envia a bola para outro alguém. Em geral passa-se a bola com os pés, mas também pode sair um passe de cabeça, com o peito, a coxa, o ombro. O passe é classificado quanto à distância, à trajetória (altura), à execução (parte do corpo), ao espaço de jogo (quadra) e à habilidade. Distância: curto, médio e longo. Trajetória: rasteiro, meia altura e parabólico. Execução: interna, externa, anterior (bico), solado e dorso. Espaço de jogo: lateral, diagonal e paralela. Habilidade: coxa, peito cabeça, calcanhar, ombro, parabólico ou cavado.
- Drible: quem dribla procura, com a bola, passar por um adversário. O drible exigirá, algumas vezes, velocidade, outras apenas mudanças de direção, outras vezes criatividade, ginga e outras ainda todas simultaneamente.
- Finta: ao contrario do drible é feito sem o posse de bola, com o objetivo de enganar a marcação.
- Marcação: tem o objetivo de desarmar quem tem a posse de bola e também impedir que o adversário receba a bola.
- Antecipação: toma-se a frente do jogador adversário com objetivo de impedir um passe.
- Proteção de bola: manter a posse de bola quando marcado diretamente por um adversário.

Como esses fundamentos mudam de acordo com a posição dos jogadores, Greco (1998) fez um quadro de acordo com as posições e os aspectos técnicos.

Ataque:

1. Ações motoras sem bola.

- Deslocamentos e corridas em linha reta e sinuosas.
- Deslocamentos de frente, costas e lateralmente.
- Deslocamentos com paradas bruscas, com giros bilaterais, com acelerações desacelerações, com e sem mudanças de direções.
- Saltos, partindo da posição estática e dinâmica.

## 2. Condução:

- Quanto à trajetória: curta, longa e média.
- Quanto ao toque face: interna e externa do pé, dorso, sola, coxa e cabeça.
- Quanto à distância: curta, médio e longo.
- Quanto ao espaço de jogo: lateral, diagonal e paralelo.
- Quanto à trajetória: rasteiro, parabólico e meia altura.

## 3. Chute:

- Quanto ao movimento: bola e executantes parados e em movimentos.
- Quanto ao tipo: simples, bate-pronto, bico, voleio, bicicleta, calcanhar.
- Quanto à trajetória.
- Quanto ao toque: face interna e externa do pé, dorso, sola, coxa, cabeça e calcanhar.

## 4. Drible:

- Quanto ao movimento: bola e executantes parados/movimentos.
- Quanto ao tipo: direita, esquerda e especiais.

## 5. Recepção no ataque.

- Quanto à trajetória: rasteira, parabólica e meia altura.
- Quanto ao domínio: face interna e externa do pé, dorso, sola, coxa, peito, cabeça e calcanhar.

## Defesa.

### 1. Ações motoras sem a bola:

- Deslocamento em linha reta e sinuosa.
- Deslocamento de frente, de costas e lateralmente.

- Deslocamentos com paradas bruscas, com giros bilaterais, com acelerações.
  - Desacelerações, com e sem mudança de direção.
  - Saltos, partindo da posição estática e dinâmica com quedas sobre um ou dois pés.
2. Uso do corpo.
    - Disputa de bola (tranco).
    - Proteção de bola.
  3. Tomada de bola.
    - Acompanhamento.
    - Antecipação: passe e jogador.
    - Aproximação: frente, lateral e por trás.
    - Abordagem: lateral, de frente e por trás.
    - Desarme.

#### Goleiro.

1. Ações motoras.
  - Deslocamentos para frente, para trás, laterais e diagonais.
  - Rolamentos.
  - Saltos.
  - Sprints.
2. Empunhadura.
  - Bolas altas, médias e rasteiras.
  - Passe.
3. Saída do gol.
  - Fora de dentro da área.
  - Com os pés, mãos, etc.
4. Lançamentos.
  - Quanto à distância: curtos, médios e longos.
  - Quanto à trajetória: rasteiro, média altura e alto.
  - Quanto ao toque: uma, duas mãos, e pés.
  - Quanto ao movimento: goleiro parado ou em movimento.
  - Quanto a realização: finta de braços, pernas, olhar, etc.
5. Queda lateral.

- Direita e esquerda.
  - Bola rasteira, média e alta.
6. Espalmar.
- Com uma mão, com duas mãos.
  - Mão trocada ou mesmo lado.
  - Bolas rasteiras, médias e altas.

## 2.2 - História do Futsal

A Origem do futsal tem duas versões sobre o seu surgimento, como em outros esportes, há divergências quanto a sua invenção. Há uma versão que diz que o Futebol de Salão começou a ser jogado no Brasil por volta de 1940 por freqüentadores da Associação Cristã de Moços, em São Paulo, pois havia uma grande dificuldade em encontrar campos de futebol livres para poderem jogar e então começaram a jogar suas "peladas" nas quadras de basquete e hóquei. No início jogavam-se com cinco, seis ou sete jogadores em cada equipe mas logo definiram o número de cinco jogadores para cada equipe.

As bolas usadas eram de serragem, crina vegetal ou de cortiça granulada, mas apresentavam o problema de saltarem muito e freqüentemente saíam da quadra de jogo. Então tiveram seu tamanho diminuído e seu peso aumentado. Por este fato o Futebol de Salão passou a ser chamado de "O Esporte da Bola Pesada". Há também a versão em que o Futebol de Salão foi inventado em 1931 na Associação Cristã de Moços de Montevideú/Uruguai, pelo professor Juan Carlos Ceriani, que chamou este novo esporte de "Indoor-Foot-Ball". As primeiras regras do futebol de salão foram escritas em 1933, fundamentadas no futebol, basquetebol, handebol e no pólo aquático, pelo mesmo professor da ACM.

O futebol de salão dava seus primeiros passos, no Brasil, na década de 30 com a publicação de normas e regulamentações para a prática do esporte, na revista de Educação Física em 1936, no estado de Rio de Janeiro. As ACMS do Rio de Janeiro e de São Paulo foram as protagonizadoras das práticas do Futebol de Salão no Brasil e devido ao entusiasmo de alguns praticantes o esporte começa ser mais divulgado, chegando até os clubes recreativos e escolas regulares, ganhando cada vez mais popularidade, surgindo assim a necessidade de

se aperfeiçoar e unificar as regras para a prática do jogo em todo o território nacional.

Destaca-se em São Paulo o nome de Habib Maphuz, que muito trabalhou nos primórdios do Futebol de Salão no Brasil. O professor da ACM de São Paulo, Habib Maphuz no início dos anos cinquenta participou da elaboração das normas para a prática de várias modalidades esportivas, sendo uma delas o futebol jogado em quadras, tudo isto no âmbito interno da ACM Paulista, este mesmo salonista fundou em 1956 a 1ª Liga de Futebol de Salão, a Liga de Futebol de Salão da Associação Cristã de Moços e após foi o 1º presidente da Federação Paulista de Futebol de Salão. Foi colaborador de Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes para a elaboração do 1º Livro de Regras de Futebol de Salão editada no mundo.

Em 1949, no Rio de Janeiro, a ACM organiza o primeiro torneio aberto de futebol de salão para meninos entre dez e quinze anos e em 1950 foi criada a comissão de Futebol de Salão da ACM de São Paulo, responsável pela organização da grande maioria dos campeonatos abertos da cidade de São Paulo, estimulando assim a formação de entidades oficiais e autônomas. Como a Federação Metropolitana de Futebol de Salão do Rio de Janeiro (atual Federação de Futebol de Salão do Estado do Rio de Janeiro) fundada em 1954 e a fundação da Federação Paulista de Futebol de Salão em 1955. A primeira competição oficial foi organizada pela entidade carioca em 1955 chamada “Torneio de Apresentação”, vencido pelo Braz de Pina.

Ainda na década de 50, em 1958 a então, Confederação Brasileira de Desportos (CBD), oficializa a prática do Futebol de Salão em âmbito nacional, tendo como filiadas as Federações Estaduais, de forma a aperfeiçoar e unificar as regras com o objetivo de realizar competições a nível nacional.

Nas décadas de 60 e 70, o futebol de salão conquistava o continente como esporte ordenado e regulamentado. Com a fundação da Confederação Sulamericana de Futebol de Salão, que congregava quase todos os seus países, surgiram os primeiros campeonatos Sulamericanos de clubes e de seleções nacionais (FPFS).

Em 1971 é fundada no Rio de Janeiro, a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), contando com a filiação de 32 países que praticavam o futebol de salão nos moldes brasileiros. O primeiro presidente da FIFUSA é o brasileiro João Havelange. No final da década de 70, com as mudanças na estrutura esportiva

do país, é extinta a CBD, originando diversas confederações, dentre elas a de Futebol de Salão (CBFS), com sede no Rio de Janeiro.

Em 1982 a CBFS já consegue sua sede própria e em 1982 é realizado o primeiro campeonato Mundial de Seleções de Futebol de Salão, no Ginásio do Ibirapuera / SP e o Brasil torna-se o primeiro campeão vencendo o Paraguai. A década de 80 representa a grande mudança na trajetória do até então Futebol de Salão, pois a partir da sua fusão com o Futebol de Cinco (prática esportiva reconhecida pela FIFA), surgindo então o FUTSAL, terminologia adotada para identificar esta fusão no contexto esportivo internacional.

Com sua vinculação a FIFA o Futsal deu grande passo para se tornar um esporte olímpico, tendo os Jogos Olímpicos de Sidney / 2000, na Austrália a oportunidade de participar como esporte-exibição e recentemente por intermédio de Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, o Futsal é incluído nos jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro.

Hoje, seguramente o Futsal é a recreação e lazer desportivo da preferência de mais de 12 (doze) milhões de brasileiros, tendo assim, grande relevância não só na manifestação esporte-performance, como também nas outras manifestações (esporte-educação e esporte-participação) definidas na recomendação nº 01/86 do CND.

## **2.3 - Psicologia do Esporte**

Para Samulski, (1992) a psicologia do esporte representa uma das disciplinas da Ciência do Esporte e constitui um campo de aplicação da psicologia.

De acordo com Thomas (1980) apud Machado (1997) a psicologia do esporte investiga, como disciplina científica, as causas e os efeitos dos processos psíquicos que acontecem com o ser humano, antes, durante e depois de uma atividade esportiva. E completando Nistch, apud Samulski (1992) diz que a psicologia do esporte analisa as bases e efeitos das ações esportivas, considerando por um lado a análise de processos psíquicos básicos (cognição, motivação, emoção) e por outro lado a realização de tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção.

Assim ela estuda o movimento em suas três partes, primeiro o processo preparatório do movimento (processos psíquicos e psicofísicos que ocorrem antes

da execução do movimento), segundo é a execução do movimento e terceiro é a reflexão do movimento (análise do movimento, para se necessário corrigir).

A psicologia do esporte é a disciplina acadêmica que tem como objetivo de estudos as diferentes dimensões psicológicas da conduta humana no contexto do esporte e da atividade física. Investiga as causas e os efeitos de ocorrências psíquicas que o ser humano apresenta antes, durante e após o exercício, sendo estes educativos, recreativos, competitivos ou reabilitador (BECKER JR, 2000).

No Brasil, a psicologia do esporte assenta-se em variadas áreas onde se dá a atividade física e esportiva: no esporte de alto rendimento, atendendo atletas que competem nas mais variadas modalidades esportivas; na reabilitação, com a prevenção da saúde física de atletas e de pessoas propensas aos problemas de saúde como distúrbios coronários e alimentares, bem como, programas psicológicos aplicados a pessoas com deficiências físicas, mentais e sociais; em projetos sociais, permeados e norteados pela educação através do esporte; no esporte escolar, que por um lado facilita o processo de ensino e aprendizagem e por outro, estimula os processos de educação e socialização; nas praticas de tempo livre e nas manifestações do esporte de massa, bem como nos programas de qualidade de vida (RUBIO, 2003).

## **2.4 - História e Evolução da Psicologia do Esporte**

Em 1921, as primeiras publicações sobre psicologia aplicada ao esporte são feitas por Schulte (RIERA, 1985). Primeiramente o oriente tinha maior participação quanto ao numero de pesquisas comparada ao ocidente, até a década de 70. Depois desta data com o aumento do interesse, com a fundação da Sociedade de Pesquisadores da Psicologia do Esporte e com a maior circulação de publicações na área, houve um aumento de pesquisas em vários países e uma consolidação desta especialidade (SINGER, 1980).

Na década de 40 W.R. Johnson realizou o primeiro trabalho sobre o stress e esporte comparando as reações pré-competitivas no futebol e na luta. O primeiro congresso mundial de psicologia do esporte foi realizado em Roma, em 1965, e a “North American Society for the Psychology of Sport and Physical Activity” – NASPSPE, é criada posteriormente (SINGER, 1968; CRATTY, 1984).



Em 1960, foi fundada a Sociedade Internacional da Psicologia do Esporte que agregou psicólogos que trabalhavam com o esporte, organizando assim a Psicologia do Esporte, dando início à produção científica que se expandiu para década de 1970, principalmente nos EUA, União Soviética e Alemanha e em outros países após a década de 1980.

“Desta época destacam os grandes centros de pesquisa sobre a ciência da aplicação da psicologia à Educação Física e ao Esporte: Instituto Superior de Cultura Física de Moscou, Instituto Superior de Cultura Física de Leningrado, Instituto de Esportes de Leipzig na antiga Alemanha Oriental e o laboratório da Universidade de Illinois dirigido por Coleman Griffith, considerado o pai da Psicologia do Esporte na América” (BRANDÃO, 1997)

A psicologia do esporte tem uma evolução mais lenta que outras especialidades psicológicas. Provavelmente se deva ao fato de ter se iniciado em laboratórios de fisiologia ou de educação física, distanciando-se dos avanços da própria psicologia, como sua ciência mãe. Ou ainda, pelo fato de não ter explorado melhor os caminhos de interdisciplinaridade, como convém a uma especialidade que deve tratar de elementos da psicologia e da ciência do esporte, com igual compromisso (MACHADO, 1997).

No Brasil, a Psicologia do Esporte teve início na década de 50 com o esporte competitivo de alto rendimento, com a preocupação de resultados mais surpreendentes, técnicos, atletas e professores procuram conhecimentos psicológicos que possam ajudar a obter a performance desejada. Já se tem conhecimento que em 1958 a Federação Paulista de Futebol fez um trabalho psicológico com os juizes de futebol e em 1958 com a seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo, na Suécia. João Havelange descreve a participação do psicólogo (YALLOP, 2002):

“-qual é a razão da nomeação de um psicólogo?

-... muitos desses jovens eram oriundos de lares humildes, de favelas, de ambientes de grande privação. Eles tinham que fazer enormes ajustes, as vezes e, período de tempo muito curto. Tinham que canalizar sua violência natural, tinham que compreender disciplina e aceitá-la. Antes de eu assumir o controle, ninguém pensara nestes problemas. Não podíamos continuar nos preparando da mesma maneira para Copa do Mundo de 1958, na Suécia...

Uma das primeiras coisas que fiz foi produzir, com ajuda desses profissionais, médicos, psicólogos e o resto dos especialistas, um relatório detalhado, altamente sigiloso, sobre cada membro

potencial da seleção brasileira. Aqueles que, em nossa opinião, não poderiam ou não queriam fazer os necessários ajustamentos seriam cortados. O psicólogo desempenhou um papel fundamental em tudo isso. Não há motivo para enviar uma equipe que só esteja fisicamente preparada. Ela precisa estar também mentalmente apta.”

Em 1964 é publicado o primeiro livro de Psicologia Esportiva, Futebol e Psicologia de Athayde Ribeiro, que trabalhou com a seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1962 no Chile, e Emilio Mira.

No ano de 1970 foi construída uma equipe de psicólogos no Clube Pinheiros, cujo objetivo era dar suporte aos atletas participantes de todas as modalidades esportivas. Para tanto os profissionais da área criaram programas de treinamento mental (fatores cognitivos, motivacionais e afetivos), para melhorar a atuação dos atletas de competição (RUBIO, 1999).

Em São Caetano do Sul, em 1976, é criado o CELAFISCS (Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul), sob a coordenação da psicóloga Sandra Cavasini. E em 1979 é fundada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte – SOBRAPE, em Novo Hamburgo, RN, no mesmo ano em que é criada a Sociedade Sul-americana de Psicologia do Esporte (SOSUPE) com sede em Porto Alegre, filiada à International Society of Sport Psychology (ISSP).

No ano 1981 foi realizado o I Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte em Porto Alegre – RS, momento em que se deu o encontro de diversos profissionais do esporte da América Latina.

A primeira iniciativa de formação específica em psicologia do esporte aconteceu na Faculdade de Educação Física da FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas, que promoveu em 1994, uma especialização “latu sensu” em Psicologia do Esporte. Em 1995 foi criado o primeiro curso de pós-graduação Psicologia do Exercício & Esporte da América do Sul, e em 2002 foi iniciado o curso de especialização profissional em Psicologia do Esporte, no Instituto “Sedes Sapientiae”, em São Paulo, o primeiro curso, no Brasil, a ser reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia por atender as normas da resolução CPF 014/00, que instituiu a criação das especialidades em Psicologia.

Segundo Brandão (1995), a Psicologia do Esporte era restrita à Psicologia Aplicada, voltada para o apoio psicológico a técnicos e atletas. Hoje abrange diversas áreas como agressão, violência, stress, aderência, cognição, tomada de

decisão, processos psicossociais todas ligadas ao esporte. Apesar da grande aplicação desta, sua realidade como ciência no esporte necessita do crescimento no desenvolvimento de pesquisas que efetivem programas de treinamentos de habilidades psicológicas, para a alta performance dando maior ênfase ao esporte para jovens, a formação e educação de técnicos, manutenção de um alto nível metodológico, utilizando-se de métodos específicos à modalidade e considerando as diferenças culturais, étnicas e comportamentais.

## **2.5 - Atuação do Profissional da Psicologia do Esporte**

Para Ruiz (1997) a função do psicólogo é manter os motivos intrínsecos (comportamentos da pessoa para sentir-se competente) e extrínsecos (recompensas externas – dinheiro, medalhas, entre outros) dos atletas durante a dia-a-dia para a manutenção da motivação. No entanto, deve-se ter cuidado com os fatores extrínsecos para que eles não suplantem os fatores intrínsecos e as recompensas sejam mais importantes.

No Brasil, segundo Machado (1997), o campo de atuação da psicologia do esporte é limitado apesar de se observar um aumento da necessidade do mesmo, devido às novas características que delimitam o esporte, o seu alto nível de exigências e conseqüentemente de pressões exercidas que vêm a influenciar o atleta (decepções, torcida, liderança,...).

Roffé (2002) lista uma série de tópicos a serem trabalhados pelo psicólogos do esporte na futebol, mas que pode ser aplicado para qualquer esporte:

- Ajudar a coesão do grupo para obter melhores resultados, através do planejamento de metas e objetivos alcançáveis;
- Avaliar individual ou em grupo as áreas de concentração, confiança, motivação e controle de pressões;
- Implementar estratégias de trocas e desenvolvimentos dessas atitudes psicológicas;
- Trabalhar em casos pontuais individuais;
- Fazer acompanhamento individual ou em grupo nas competências e realizar um informe ao treinador;

- Colaborar para a comunicação entre treinador e grupo ocorra;
- Observar os treinamentos e buscar que o jogador tenha rendimento máximo;
- Realizar filmagens dos treinamentos e competências, fazendo sessões conjuntas entre treinador e os jogadores;
- Complementar o trabalho do preparador físico com relação e visualizações, com o objetivo de ajudar a prevenir lesões e ajudar na reabilitação psicológica após lesões;
- Ser uma ajudante do treinador e assessor: facilitar a tarefa;
- Ajudar a “humanizar” o sistema.

O trabalho a ser desenvolvido pelo psicólogo está relacionado ao processo de treinamento do grupo de atletas (preparação física, técnica e tática). Portanto, não se refere a um comportamento separado da preparação da equipe, mas o acompanhamento psicológico é realizado em cooperação com os demais profissionais envolvidos na formação da equipe, sempre coordenado pelo técnico (MARKUNAS, 1999).

Segundo a Federação Européia de Associações do Esporte, a psicologia do esporte se refere aos fundamentos psicológicos, processos e conseqüências da regulação psicológica das atividades relacionadas ao esporte, de uma ou mais pessoas praticantes dos mesmos. O foco deste estudo está nas diferentes dimensões psicológicas da conduta humana, ou seja, afetiva. Cognitiva, motivadora ou sensorio motora. Os sujeitos investigados são envolvidos nos esportes ou exercícios, como atletas, treinadores, árbitros, professores, psicólogos, médicos, fisioterapeutas, espectadores, pais, etc.

De acordo com Cratty (1984) os psicólogos tem grande preocupação com atletas e times, atuando para: a melhor compreensão sobre os atletas e forças dinâmicas sociopsicológicas que afetam os desportistas, elevação do desempenho ao ponto ótimo através de métodos vários, inclusive de um ensino técnico e eficaz de treinos, visando ainda o estabelecimento de boas relações interpessoais entre atletas e entre técnicos e atletas, identificação de atletas que possam necessitar de ajuda especial no que se refere às tensões no esporte e na vida, em geral, a fim de ajudá-los na 1. redução das tensões dentro do contexto atlético, 2. adaptações adequadas de comportamento, 3. encaminhamento ao especialista em saúde

mental, se necessário, 4. Auxílio a pesquisadores para detectar problemas pertinentes, questões teóricas relevantes e importantes problemas em áreas que necessitem de pesquisas.

O trabalho do psicólogo do esporte é dificultado porque as pessoas só acreditam na benefício quando vêem, no entanto, é um pouco demorado conseguir resultados neste trabalho. Outro fator que causa dificuldades para o trabalho do psicólogo no esporte é que os treinadores e jogadores não sabem qual é a função deste na equipe e logo pensam que os psicólogos tratam com “loucos” (ROFFÉ, 2000).

Ainda sobre as dificuldades do trabalho do psicólogo do esporte o mesmo autor cita também: ignorância e preconceitos; onipotência e dificuldade para trabalho interdisciplinar (união da ciência e tecnologia); más experiências diretas e indiretas; como jogadores primeiro e treinadores depois, nunca necessitaram e obtiveram resultados; não gostam de pressão (seja da imprensa, dos diretores ou de quem seja); publicamente negam porque, de ajudar esta ajuda, sentem que estão em falta ou são incapazes; há psicólogos que não assumem um perfil baixo; os psicólogos ainda não estão incorporados a equipe desportiva; tendência em crer em elementos mágicos externos; o psicólogo não tem vestuário; o treinador é responsável do aspecto psicológico e também do aspecto técnico-tático.

A formação do psicólogo do esporte deveria conter uma maior gama de conhecimentos específicos coligados aos gerais para se obter um melhor entendimento do “mundo esportivo” e com isso capacitá-lo a “assessorar, informar, ensinar e transformar seu componente de trabalho” (RIERA, 1985).

O psicólogo do esporte, para a USOC (Centro Olímpico Americano), tem três tipos diferentes de atuação, que são: pesquisador em psicologia do esporte, psicologia do esporte educacional, psicologia do esporte clínico.

## **2.6 - Competição Esportiva**

Competir significa enfrentar desafios e demandas que podem com muitos aspectos individuais e situacionais, representar uma considerável fonte de estresse para os atletas, dependendo de seus atributos físicos, técnicos e psicológicos. Pode-

se considerar que o mesmo acontece também com outros componentes do contexto competitivo: os técnicos e os árbitros.

Segundo Broto (2001) os jogos competitivos são divertidos apenas para alguns; a maioria tem sentimento de derrota; alguns são excluídos pela sua falta de habilidade; aprende-se a ser desconfiado; os perdedores ficam de fora do jogo e simplesmente se tornam observadores; os jogadores não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de ruim acontece com os outros; pouca tolerância à derrota desenvolve em alguns jogadores um sentimento de desistência face às dificuldades e poucos se tornam bem sucedidos.

O esporte é uma atividade competitiva que envolve esforço físico rigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos. A competição esportiva exige dos atletas uma dedicação intensa (muitas vezes exclusiva, dependendo do nível do atleta), com o objetivo de se obter o melhor desempenho, em busca de resultados traduzidos em vitórias pessoais e/ou coletivas (MCPHERSON, 1989).

Para o Conselho Federal de Educação Física (2002) o esporte é a atividade competitiva, institucionalizado, realizado conforme técnicas, habilidades e objetivos definidos pelas modalidades desportivas, determinado por regras pré-estabelecidas que lhe dá forma, significado e identidade, podendo também ser praticado com liberdade e finalidade lúdica estabelecida por seus praticantes, realizado em ambiente diferenciado, inclusive na natureza (jogos de natureza, radicais, orientação e outros).

Estas duas definições sobre esporte o classificam como atividade competitiva, o que já o colocam em uma situação estressante, mas que não deve ser mudada segundo alerta Machado (1994):

“Omitir a competição numa sociedade que a mantém em sua natureza é criar um quadro artificial que levará a aquisição forçada de situações abstratas, servindo mesmo para provocar ou acentuar desajustamentos, marginalização e conflitos diante de realidade social em que vivem, de fato.”

A competição esportiva tem o significado de desafio e luta e é a forma máxima de expressão do esporte como fenômeno cultural e social e que está cada vez mais enraizado no cotidiano das pessoas (CAILLOIS, 1988).

Segundo De Rose (1997) a competição tem quatro aspectos que estão presentes a todo momento:

- **Confronto:** entre dois ou mais indivíduos ou equipes. Não há competição sem confronto. Ele pode ser pessoal (quando o atleta busca a superação de uma marca, independentemente dos adversários); pode ser com um adversário na forma de contato direto (lutas e a maioria dos esportes coletivos) e indireto (como na maioria dos esportes individuais: ginástica olímpica, GRD, natação, atletismo, e tênis e, em alguns esportes coletivos como o voleibol).
- **Demonstração:** das capacidades e habilidades aprendidas e desenvolvidas durante todo o processo de treinamento e ao longo da carreira do atleta. É o momento no qual o atleta exhibe suas condições e o quanto ele está preparado (ou não) para enfrentar todas as demandas do processo competitivo.
- **Comparação:** em função de um padrão auto determinado ou definido externamente. Quando se compete, sempre há uma comparação com algum padrão, seja ele individual (o atleta em relação às suas próprias condições), ou estabelecido socialmente, desde que haja pessoas presentes para constatar o desempenho.
- **Avaliação:** com base nos padrões e no julgamento o desempenho do atleta é avaliado pelas pessoas presentes no evento. Esta avaliação, no entanto, nem sempre é feita por pessoas preparadas e que podem emitir um julgamento com base científica e técnica. Na maioria das vezes, a avaliação não segue critérios lógicos e pode ser feita de forma aleatória, levando a sérios erros de julgamento. Esta avaliação pode ser quantitativa (quando se privilegia o resultado) ou qualitativa (quando se avalia o processo ou a qualidade do movimento ou da ação realizada). Ela também pode depender do tipo de esporte. Alguns esportes têm uma possibilidade de avaliação mais objetiva (em que os parâmetros são universais: atletismo, futebol, basquetebol – predomina a avaliação quantitativa) ou mais subjetiva (quando terceiros realizam a avaliação com base em códigos de pontuação, como na ginástica olímpica, saltos ornamentais e GRD – neste caso julga-se a qualidade do movimento ou da ação e atribui-se uma pontuação).

Com uma outra visão Martens (1990) desmembra a competição em quatro componentes que interagem e são influenciados pelas qualidades pessoais ou fatores intrapessoais, ou seja, características individuais como: personalidades,

atitudes, motivos, capacidades e habilidades. O primeiro componente é chamado de Situação Competitiva Objetiva (SCO) que é representado por todo e qualquer estímulo objetivo do meio ambiente competitivo.

Essas situações são determinadas pelo que o indivíduo deve fazer para obter um resultado favorável quando comparado a um padrão (ex: nível de desempenho idealizado, estratégias para enfrentar os adversários) e por fatores que fazem parte integrante da competição (ex: treinamento, material, adversários, técnico, torcida, imprensa, etc.). Essas situações objetivas interagindo com os fatores intrapessoais geram a Situação Competitiva Subjetiva (SCS), o segundo componente. Esta situação é gerada pela interpretação que o atleta tem da primeira. Uma mesma situação, dependendo dos atributos individuais, pode ser avaliada e interpretada de maneiras diferentes pelos atletas que estejam participando do evento naquele momento.

Um exemplo que ilustra essa idéia é o seguinte: em uma final de campeonato o estádio está cheio e as torcidas se manifestam ruidosamente. Ao entrar em campo, dois atletas da mesma equipe observam o quadro e o mais experiente, com participações em diversas finais, avalia aquele estímulo como um agente motivador, fato que pode impulsionar seu desempenho, enquanto que outro atleta, menos experiente, que participa pela primeira vez de uma final, pode entendê-lo como ameaçador, inibindo seu desempenho. Os dois primeiros componentes juntamente com os fatores intrapessoais geram as Respostas (RES) que são formas que o atleta tem de se expressar sobre os fatos próprios de uma competição (terceiro componente).

De maneira geral, as respostas podem ser fisiológicas, psicológicas (cognitivas e emocionais), comportamentais, psicomotoras e sociais. As respostas novamente interagindo com os fatores intrapessoais, levam ao quarto componente – as Conseqüências (CON), que servirão de orientação para a modificação ou determinação de novos comportamentos, gerando atitudes de enfrentamento ou de fuga e até mesmo de abandono da atividade esportiva. É com base na interação desses quatro componentes do processo competitivo, mais a ação dos fatores intrapessoais que se pode entender a competição como um processo complexo e que exige do atleta requisitos fundamentais para a obtenção do sucesso desejado e, que muitas vezes pode levá-lo a vivenciar situações provocadoras de estresse que poderão afetar seu desempenho.



Ou sendo, a competição, acaba sendo uma fonte de situação que causam estresse, para o atleta (de qualquer nível) a competição acaba se tornando uma ameaça ou, por características individuais ou situacionais.

## 2.7 - Público Espectador

A torcida tem grande papel no contexto do esporte, sendo ela, muitas vezes, o termômetro do próprio jogo, e sua atuação afetam direta e indiretamente atletas, treinadores, árbitros entre outros elementos.

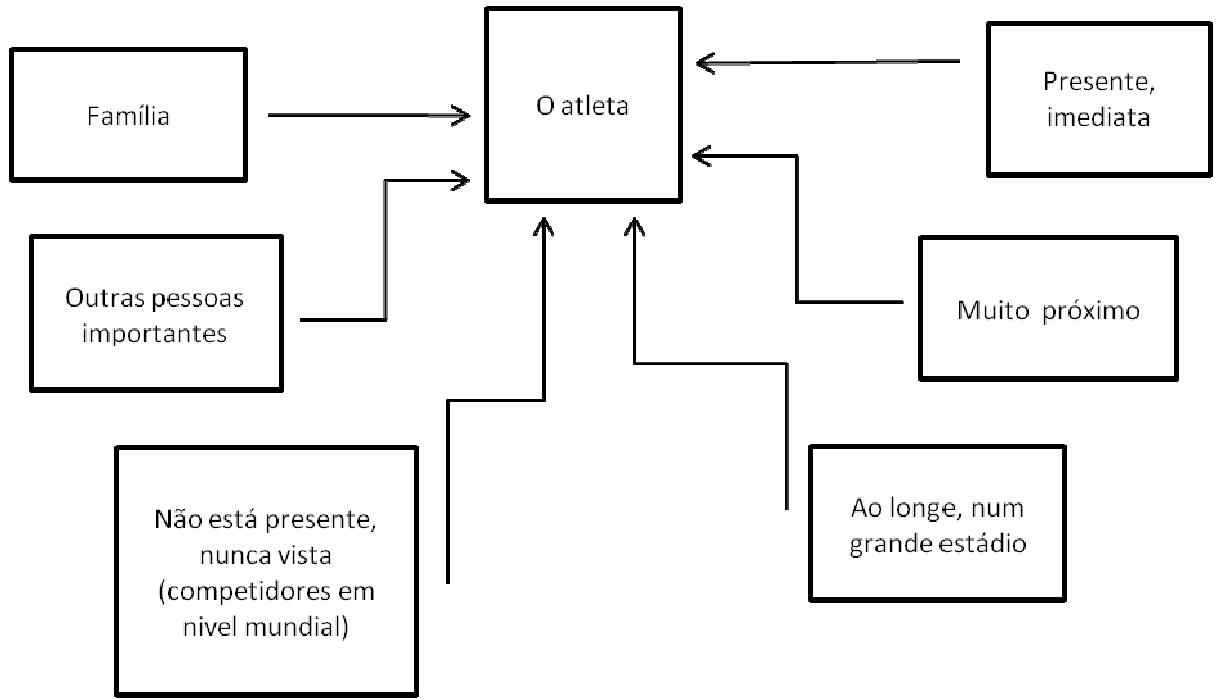
Loy (apud CRATTY,1984) classifica em três partes a análise de torcedor:

1. “Consumidores primários” – os que ficam profundamente envolvidos no esporte e assistem pessoalmente aos eventos.
2. “Consumidores secundários” – espectadores através da televisão ou radio, mas não freqüentam pessoalmente os eventos esportivos.
3. “Consumidores terciários” – pessoas que, de vez em quando, interessam-se pelo esporte, não como espectadores ou através de meios de comunicação. São indivíduos que discutem esporte com outros e lêem as paginas esportivas dos jornais.

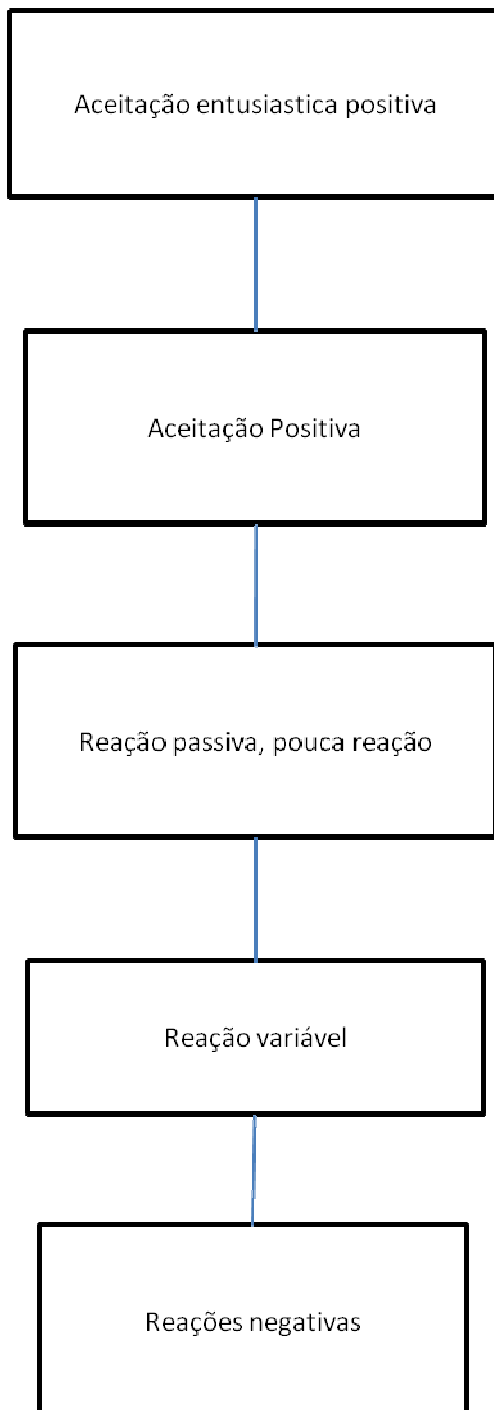
Nos diagramas seguintes Cratty (1984), mostra as influências sofridas dos diferentes tipos de torcida, independente do grau de afetividade com o atleta e da distância do espectador ao evento. E também as diferentes reações que o público pode apresentar diante do desempenho do atleta.

Reações esperadas  
Antecipadas  
ou atrasadas

Distância



Aspectos  
da  
reação

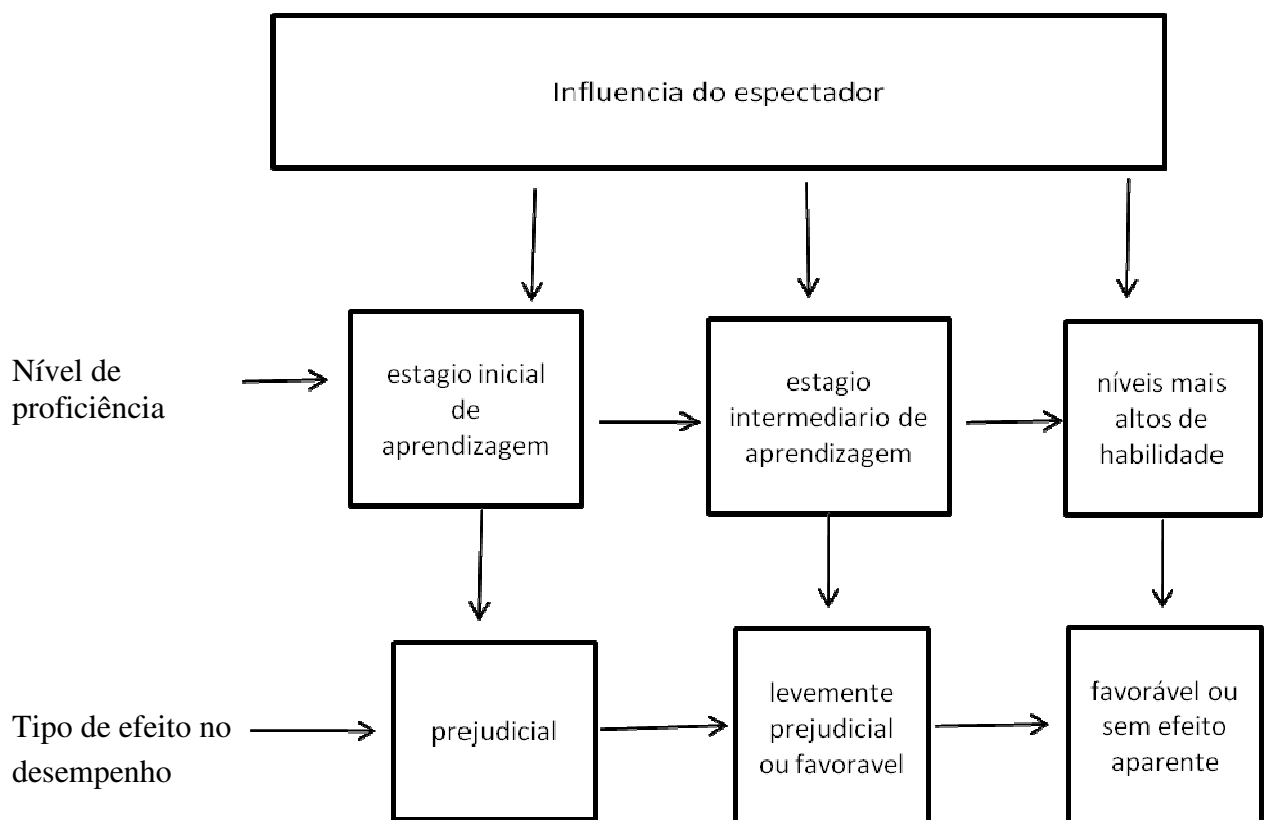


Também podemos classificar de outras maneiras os tipos de torcida. Por exemplo, os chamados “colaboradores”, que são, além dos torcedores nas arquibancadas, há outros membros no time que também assistem e até podem

modelar a atuação; e os “interagentes”, são aqueles que interagem direta e estreitamente com o atleta, ou atuar de modo paralelo (CRATTY, 1984); ou como Machado classifica, podendo influenciar as emoções e o desempenho dos atletas: torcedores que poderão desequilibrar o atleta a ponto de interferir em sua performance e levá-lo a uma ansiedade capaz de gerar outras fontes de tensões, perdendo totalmente o controle da situação pela qual esta passando.

Segundo Cratty (1984), nunca a atuação do atleta deixa de sofrer influência de alguma assistência. A todo momento haverá fatores que estarão interagindo e integrando em seu ambiente. Neste contexto entram olhares vigilantes dos colegas de equipe, do técnico, da família, e do público que acompanha o atleta e a modalidade esportiva que este atleta pratica.

A partir de resultados de pesquisas, Singer (1982) concluiu que o desempenho dos atletas é facilitado e a aprendizagem prejudicada através da presença de espectadores.



As habilidades atléticas que requerem coordenação complexa, movimentos executados com precisão e concentração intensa podem ser facilmente prejudicadas pela presença de observadores, até mesmo se estiverem bem aprendidas. A

demonstração de qualquer habilidade, uma vez desenvolvida a um alto grau de proficiência deveria ser afetada favoravelmente por uma audiência, ou seja, o comportamento hábil não deveria ser desestruturado pela presença de espectadores, quer passivos, ativamente encorajadores ou ativamente odiosos, mas no caso acima, nem sempre o desempenho é inabalável, mesmo em altíssimos níveis de habilidade (SINGER, 1982).

A personalidade do atleta exerce grande influência no que diz respeito a sua reação diante da presença do público e o apoio ou crítica, que este manifesta através de aplausos ou de vaias. Neste caso, a idade ou a experiência do atleta terão influencia positiva ou negativa; se o atleta não possui muita experiência, iniciou sua carreira recentemente, as atitudes da torcida podem repercutir de maneira significativa em seu comportamento, podendo levá-lo a situações de descontrole emocional, prejudicando sua performance, mesmo que este publico tenha a intenção de incentivá-lo (MACHADO, 1997).

### **3 – Procedimentos Metodológicos**

Esta pesquisa assumirá a configuração metodológica qualitativa, diante de uma pesquisa exploratória, do tipo estudo de caso. A metodologia qualitativa permite descrever a complexidade de determinado problema, analisar as interações de certas variáveis pertinentes ao problema, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sócias, contribuir no processo de mudança de determinados grupos e possibilitar o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 1989). Será utilizado para esse estudo um questionário com 13 perguntas fechadas e uma aberta, que serão distribuídas às equipes de futsal da Unesp Rio Claro. Para Cervo e Bervian (1978), questionário é um meio de obtenção de respostas às questões, por uma forma que o próprio informante preenche. Ele contém um conjunto de questões todas logicamente relacionadas com o problema central. É necessário que se estabeleça, com critério, quais as questões mais importantes a serem propostas e que interessam ser conhecidas de acordo com os objetivos .

Os resultados serão apresentados graficamente, seguido de comentários sobre a pergunta em pauta.

#### **3.1 - Objetivo**

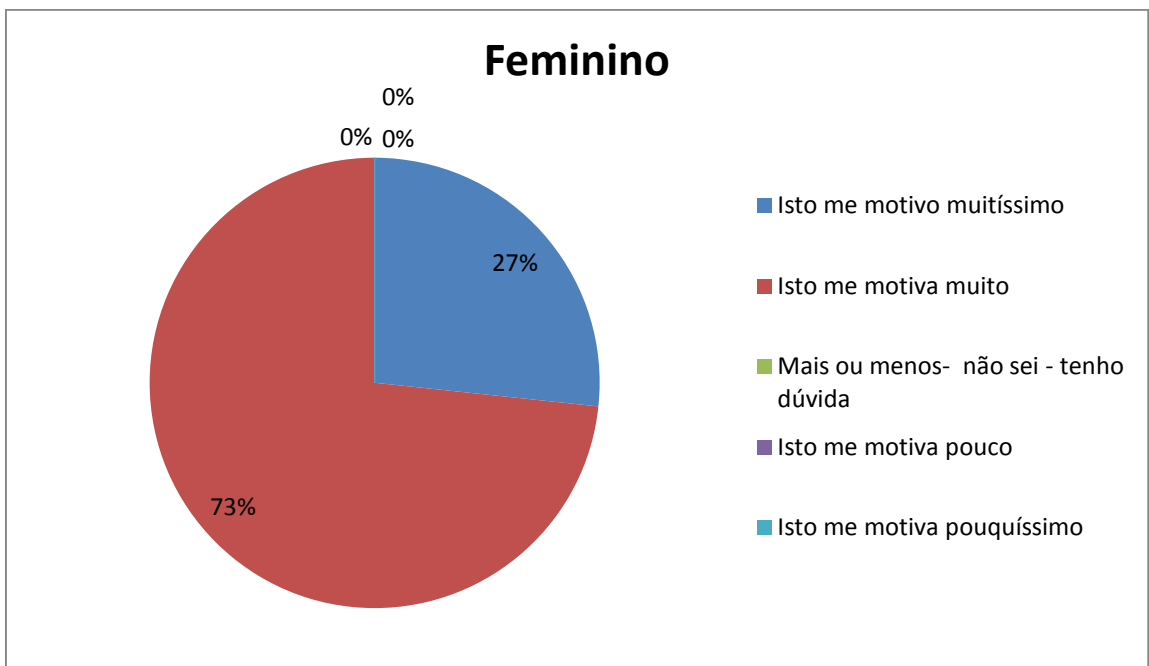
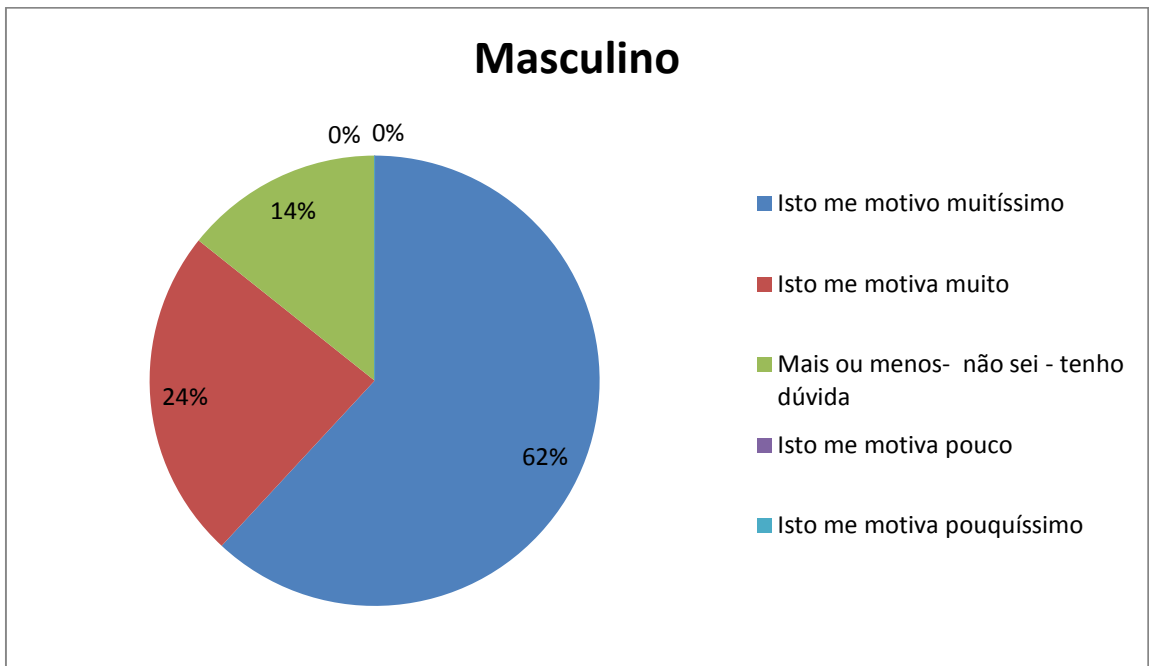
O objetivo deste trabalho será analisar a interferência da torcida de amigos e parentes, as alterações dos estados psicológicos durante os jogos realizados na cidade sede, investigar quais as alterações dos estados emocionais mais sensíveis à influência externa e identificar possíveis intervenções do técnico sobre seus atletas com relação ao aspecto psicológico.

### **3.2 - Os Sujeitos**

Participaram do estudo 36 sujeitos, 15 do sexo feminino e 21 do sexo masculino, com média de idade de 21,6 anos e tempo de time de 2,14 anos, pertencentes ao time de futsal da UNESP e participa de campeonatos universitários e campeonatos a nível estadual (equipe masculina).

### 3.3 – Análise e Discussão

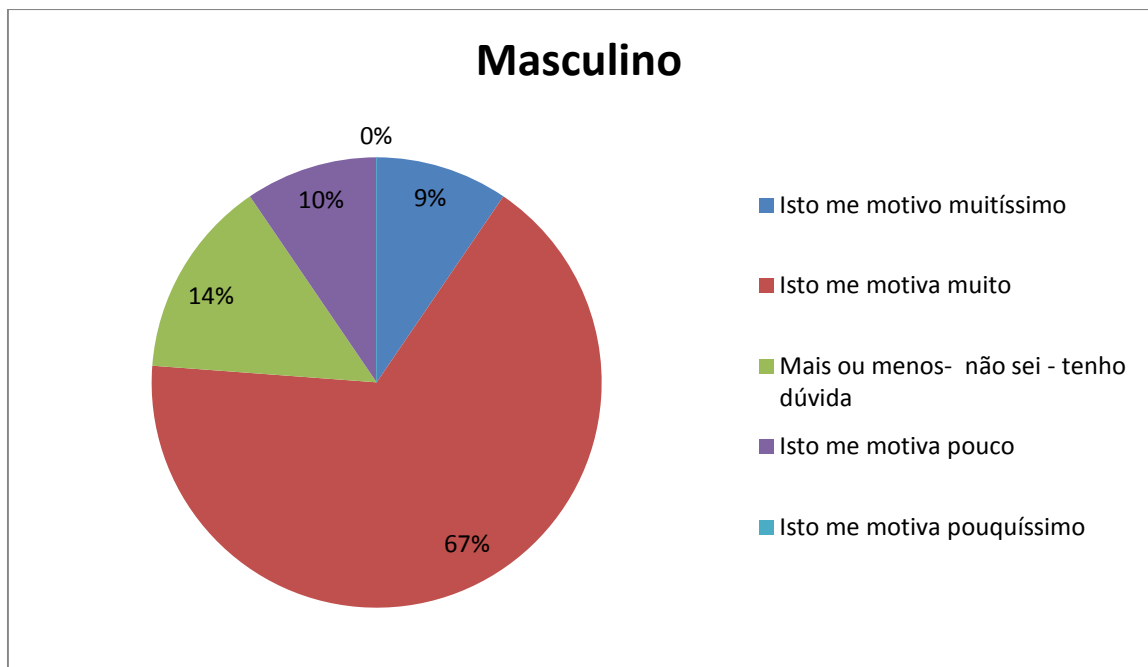
1) Como se sente jogando em casa?

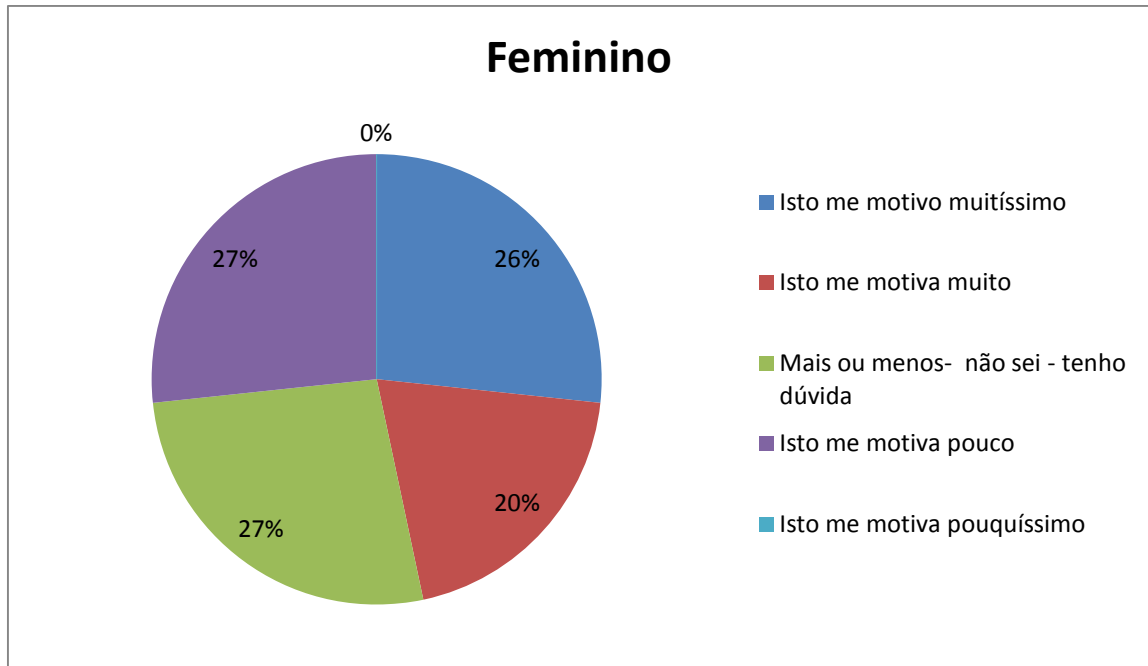




Para a grande maioria dos homens (62%), a resposta dada foi que jogar em casa motiva muitíssimo, já para as mulheres, com uma percentagem maior (73%), a resposta dada foi “isto me motiva muito”, os números sobre “isto me motiva muitíssimo” e “isto me motiva muito” praticamente se inverteram nos gráficos masculino e feminino. No geral não houve nenhuma resposta sobre motivar pouco ou pouquíssimo e no feminino não houve nenhuma respostas mais ou menos também.

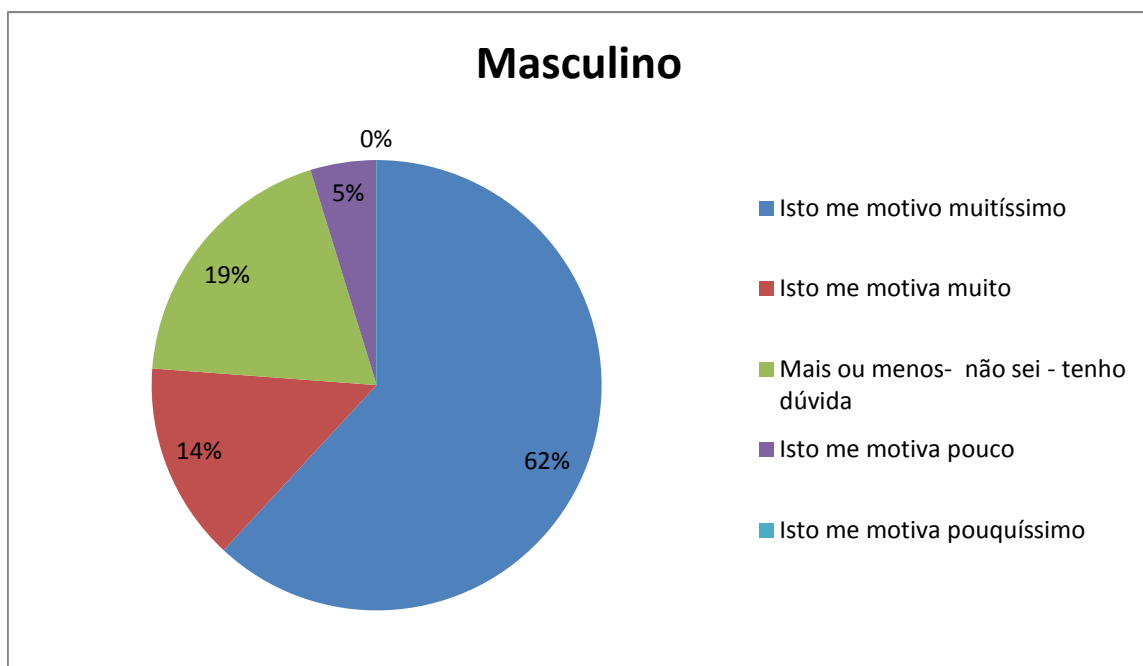
## 2) Como se sente jogando fora de casa?

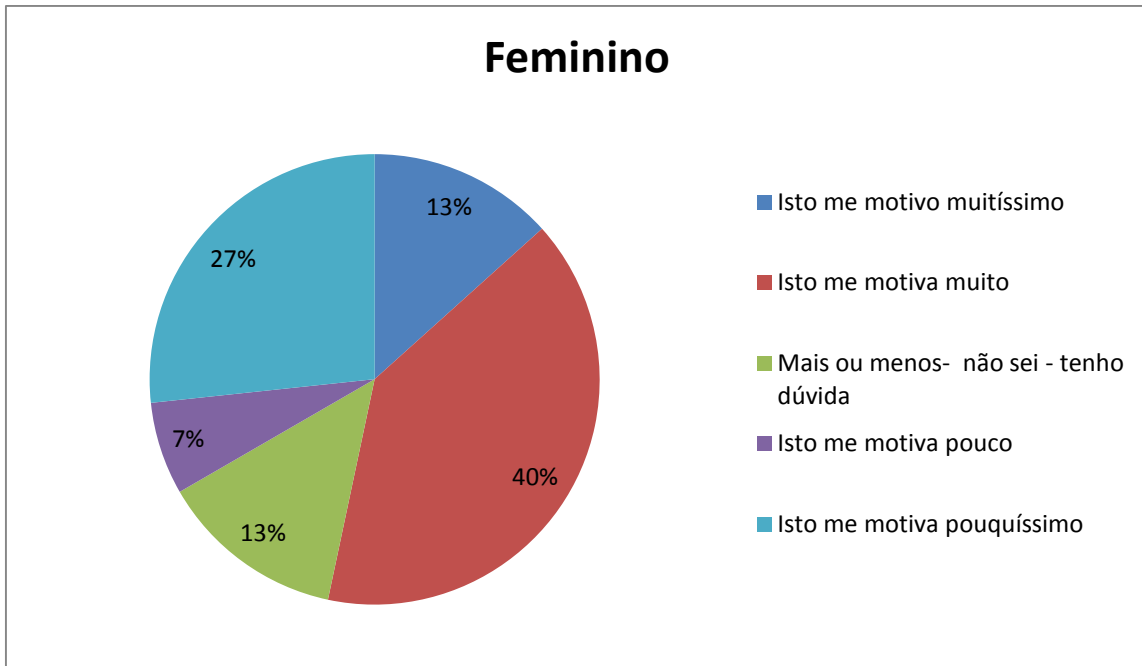




A maioria das respostas no masculino (67%) foi que se sente muitíssimo motivado jogando fora de casa, entre as mulheres as respostas foram bem divididas, não tendo uma diferença muito grande entre as respostas dadas. Com o total das respostas desta pergunta, confirma a preferência dos atletas por jogar em “casa” em comparação com jogar “fora de casa”.

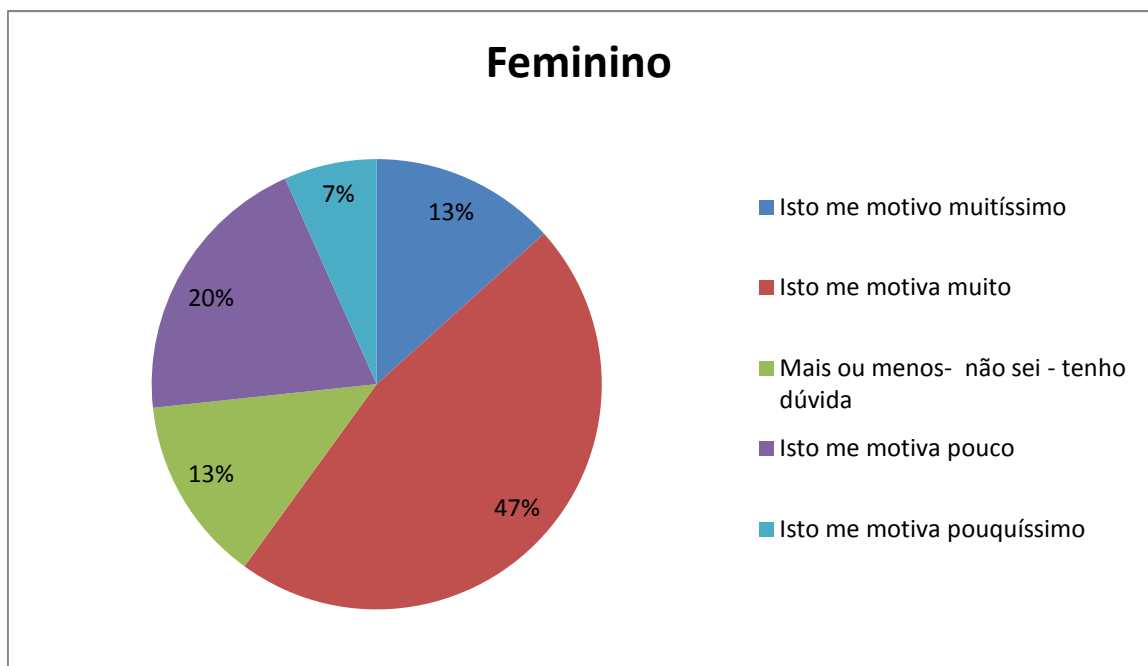
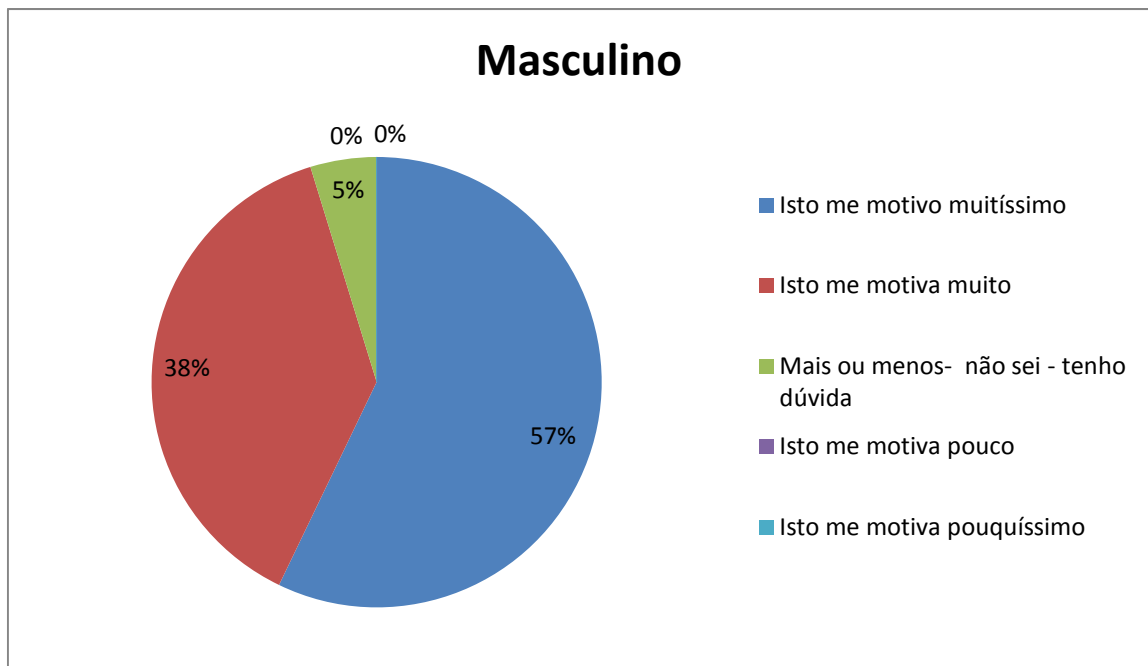
### 3) Como se sente jogando na presença de familiares?





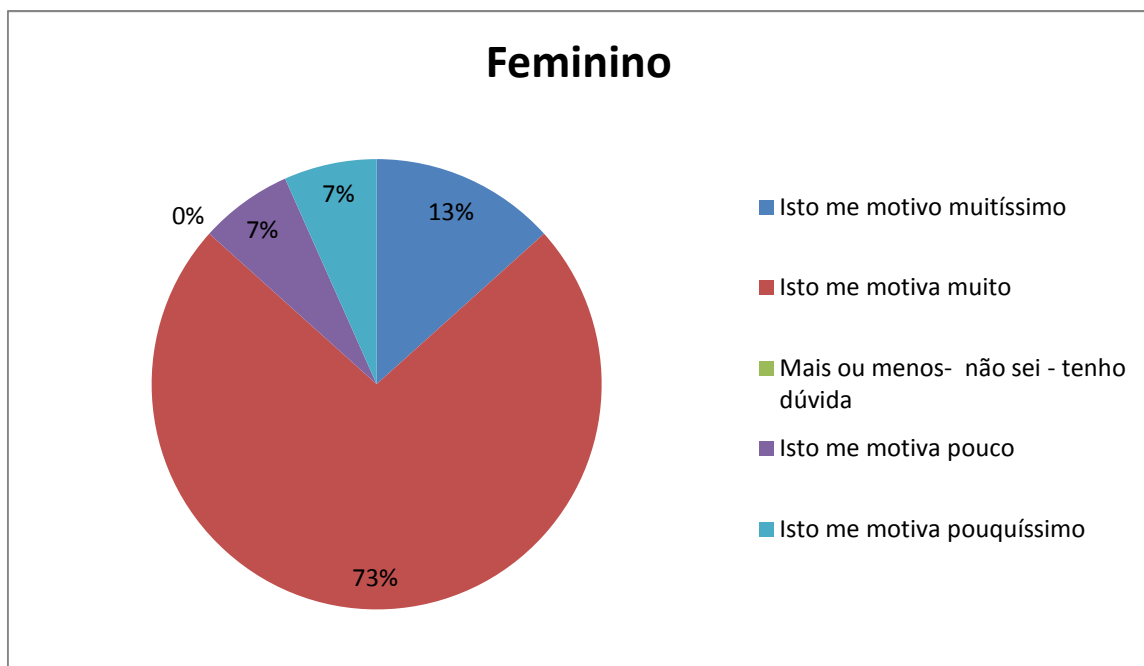
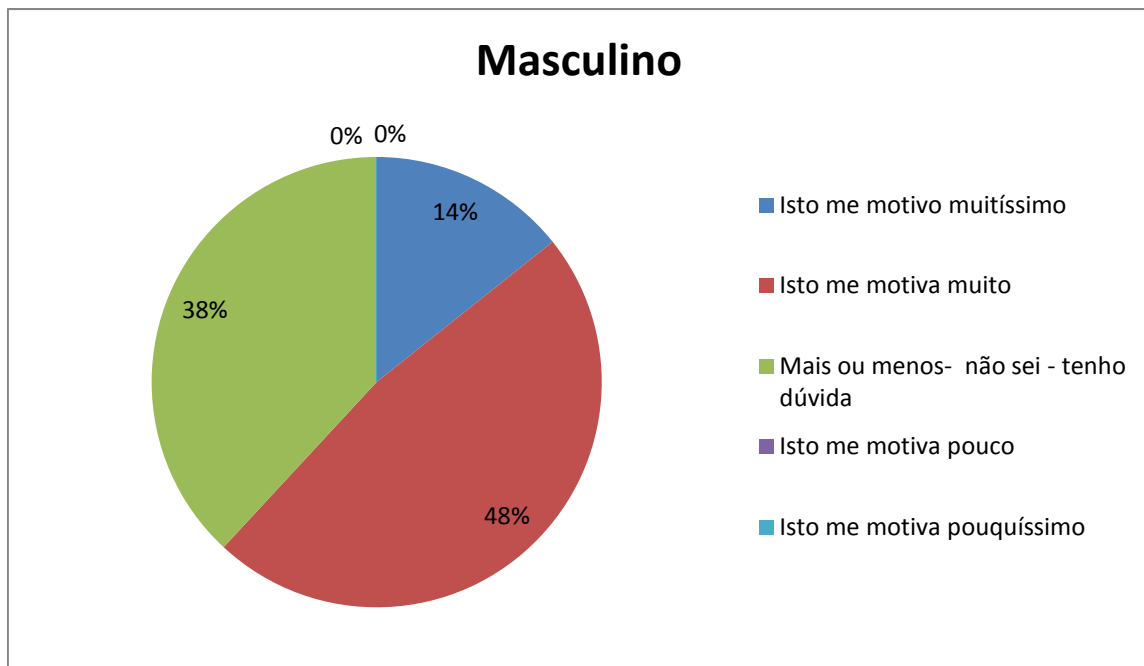
Outra vez a maioria dos participantes masculinos (62%) respondeu que motiva muitíssimo jogando na presença da família, e entre as mulheres a maioria (40%) respondeu de motiva muito tendo uma grande diferença entre gêneros como se pode ver nos gráficos acima. Outro dado que chama atenção é a quantidade de respostas “isto me motiva pouquíssimo” no feminino, o que corrobora com Duda et al. (1995) que constataram que a maioria dos atletas sente-se apoiada quando seus pais comparecem às suas competições mas, alguns reagem negativamente com sua presença, e com Junior (2004) que verificou que os pais, com seus poderes e autoridades, revelam-se pessoas de uma cobrança acima da média e, devido a aproximação afetiva, exercem o direito de insultar e gesticular como se, com tal atitude, os erros ou indecisões pudessem vir a ser eliminadas da partida, sobre a presença dos pais nas partidas.

## 4) E jogando com o presença de amigos/namorada(o)?



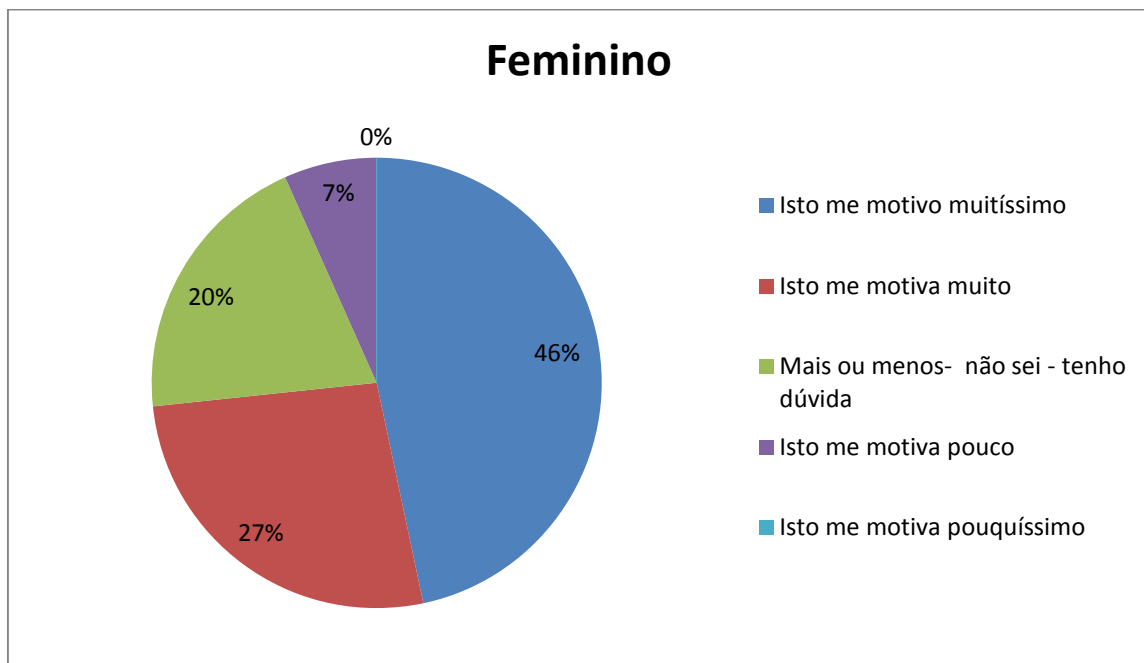
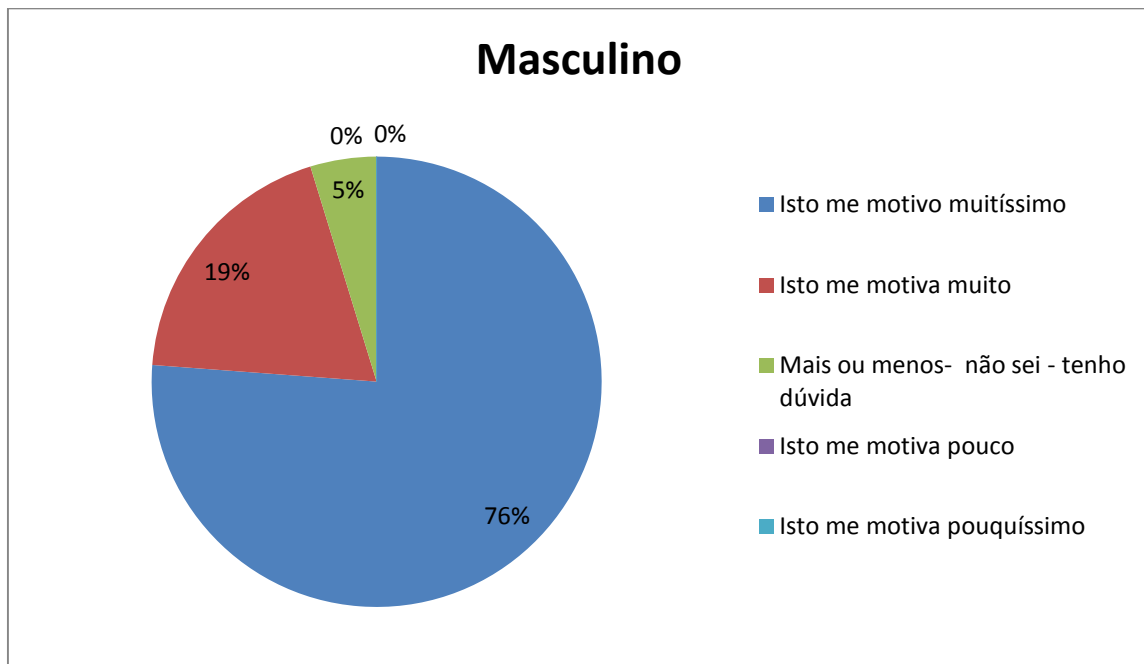
Para maioria das mulheres (47%) ter amigos/ namorado(a) assistindo o jogo motiva muito, já para os homens a maioria (57%) respondeu que se sente muitíssimo motivado. Como na pergunta anterior, há uma grande diferença entre gêneros com o masculino se dividindo, quase que totalmente, em “motiva muitíssimo” e “motiva muito”, e o feminino com respostas mais variadas.

## 5) Jogando onde você treina se sente?



Nesta pergunta, homens (48%) e mulheres (73%) tiveram a maioria da mesma resposta, os dois se sentem muito motivados jogando onde treinam, e com um número considerável de respostas “mais ou menos – não sei – tenho dúvida” no masculino. Ferreira (2006) diz que o aspecto da familiaridade com o campo de jogo, existindo uma maior consciência espacial do atleta da casa, o que lhe permite uma orientação/reorientação mais eficaz nas ações decorrentes e exigidas na partida.

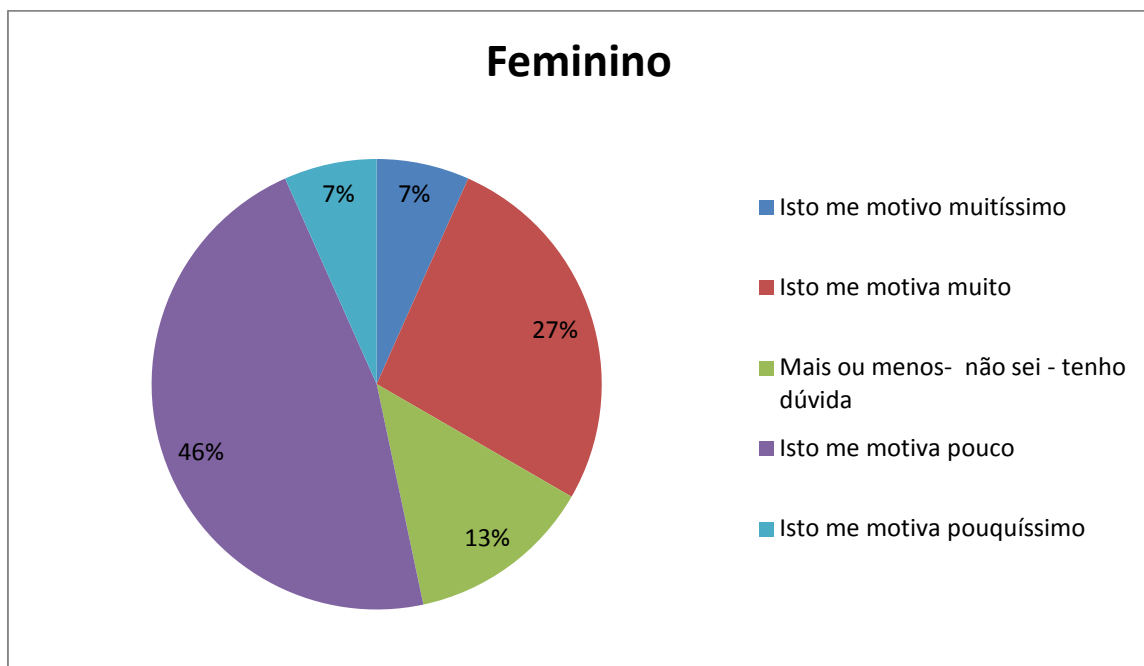
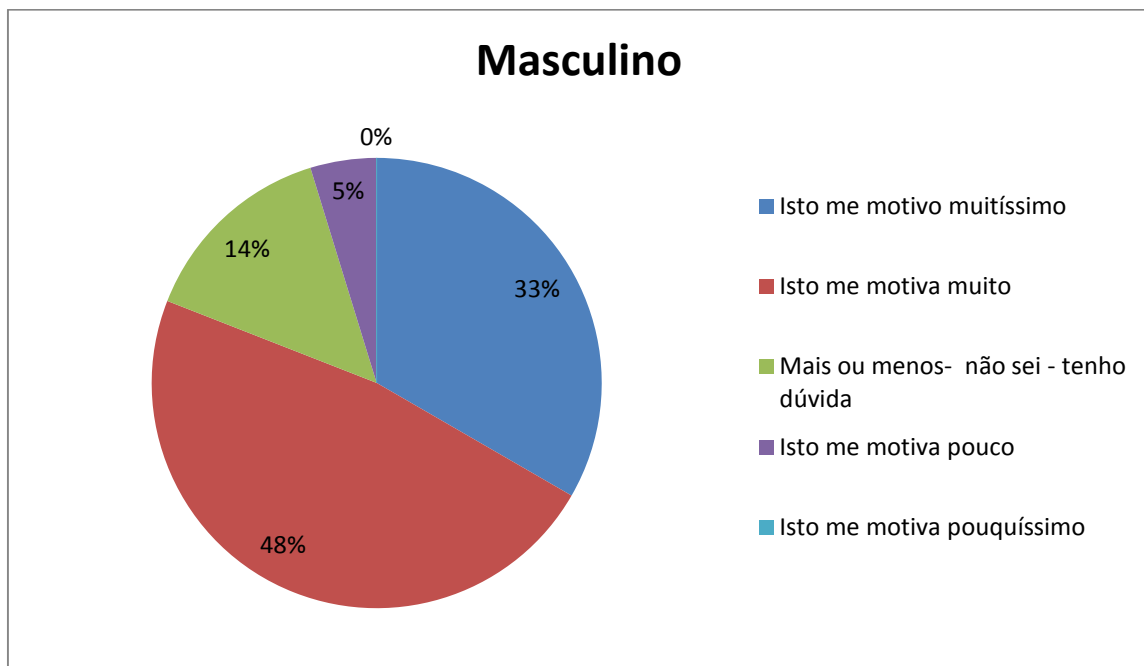
## 6) Com a torcida a favor você?



Mais uma vez os gêneros tiveram a maioria da mesma resposta (76% no masculino e 46% no feminino), os dois se sentem muitíssimos motivados jogando com a torcida a favor. Entre os homens as respostas foram mais homogêneas, sem grande diferença nas respostas da minoria. Já entre as mulheres as respostas foram mais variadas, principalmente entre “mais ou menos – não sei – tenho dúvida” e “isto me motiva muito”. As respostas dadas pela maioria confirmam os estudos de

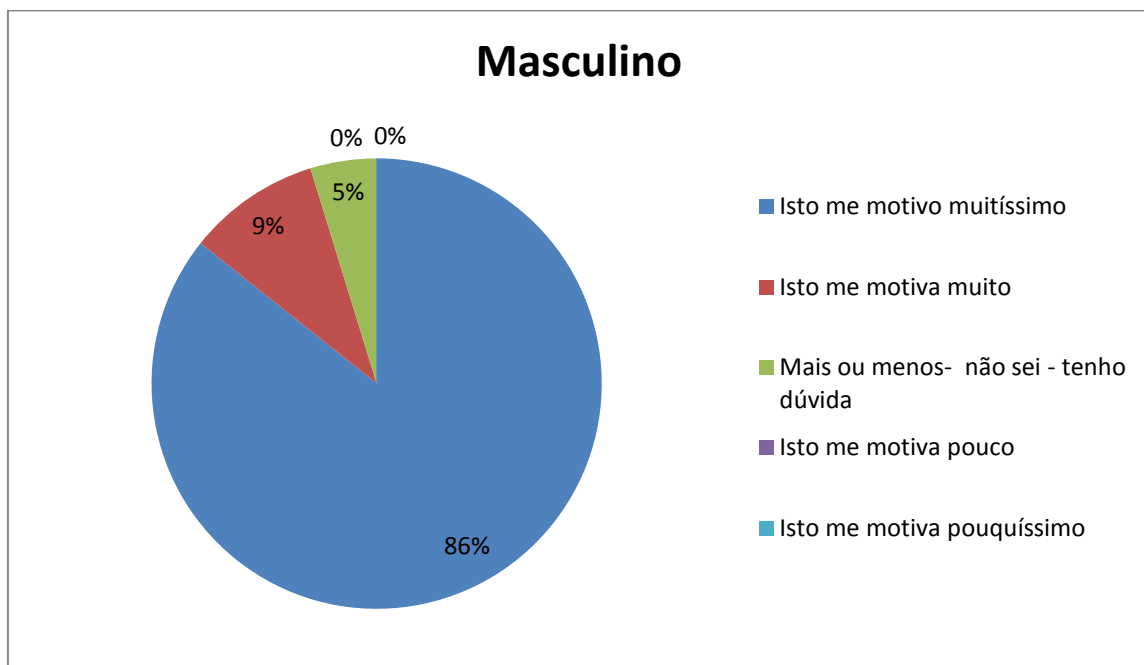
Madrugal et al. (1999) em que os resultados convergem para a idéia que de o apoio do publico afeta positivamente a performance da equipe.

7) E com a torcida contra?

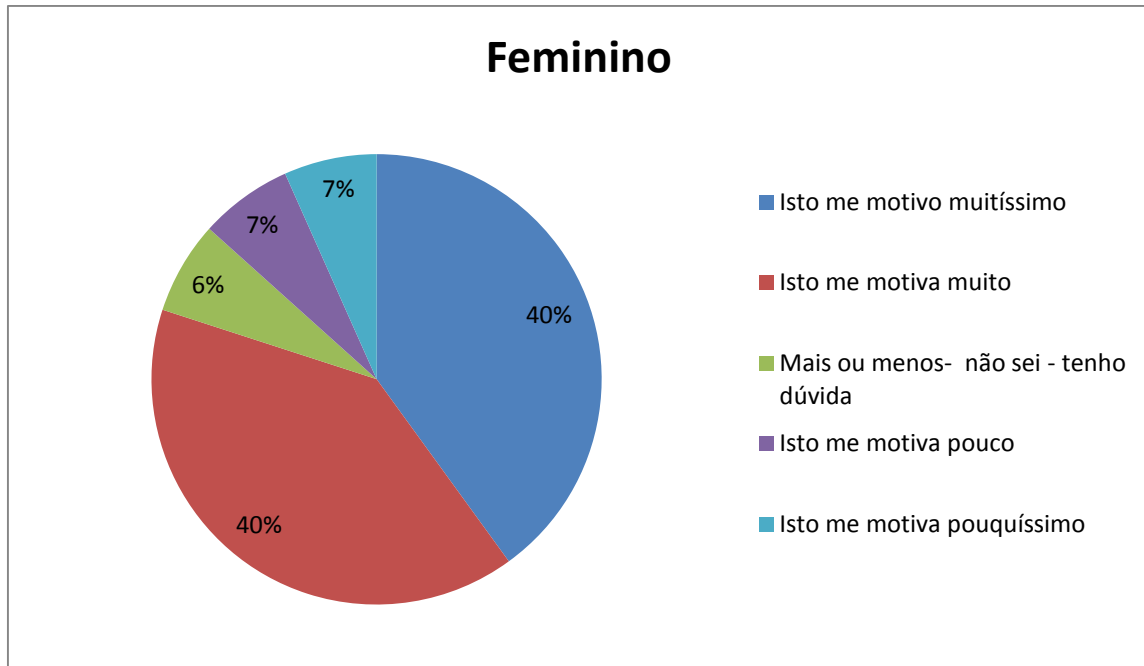


Nesta pergunta o que chama mais atenção é a diferença entre gêneros, a maioria das mulheres (46%) respondeu que se sente pouco motivadas jogando com torcida contra e a maioria dos homens (48%) se sente muito motivados e também com uma grande quantidade (33%) respondendo de se sente muitíssimo motivados. Jones (1995) em seu estudo mostra que as manifestações do publico contra a equipe visitante influencia negativamente a sua performance.

#### 8) Como se sente com o ginásio lotado?

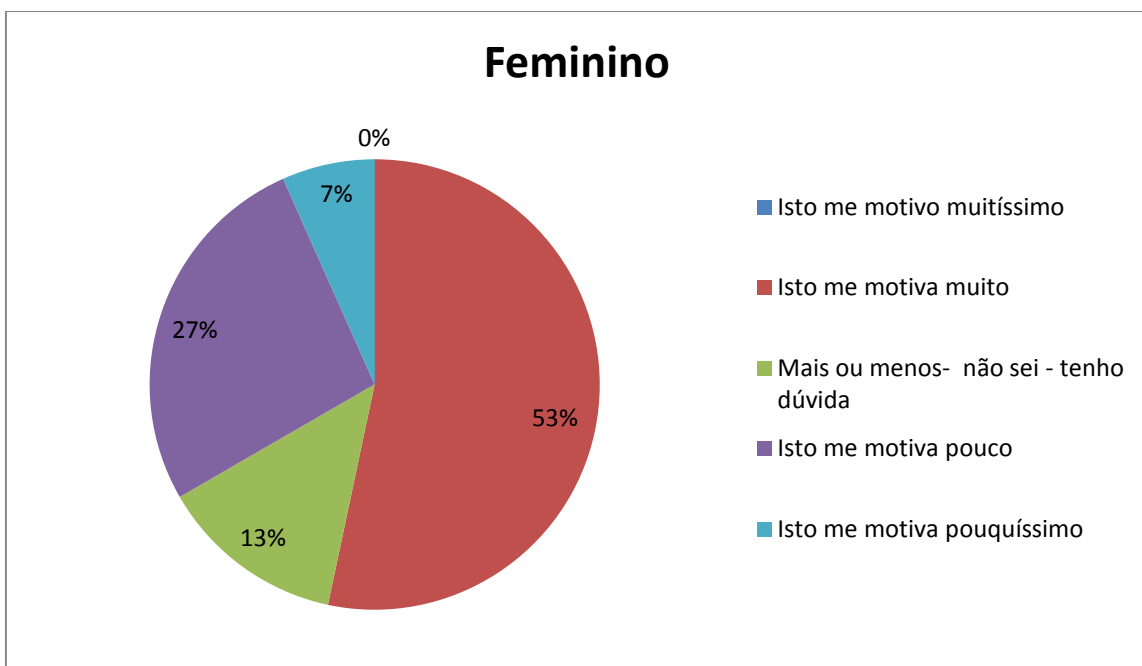
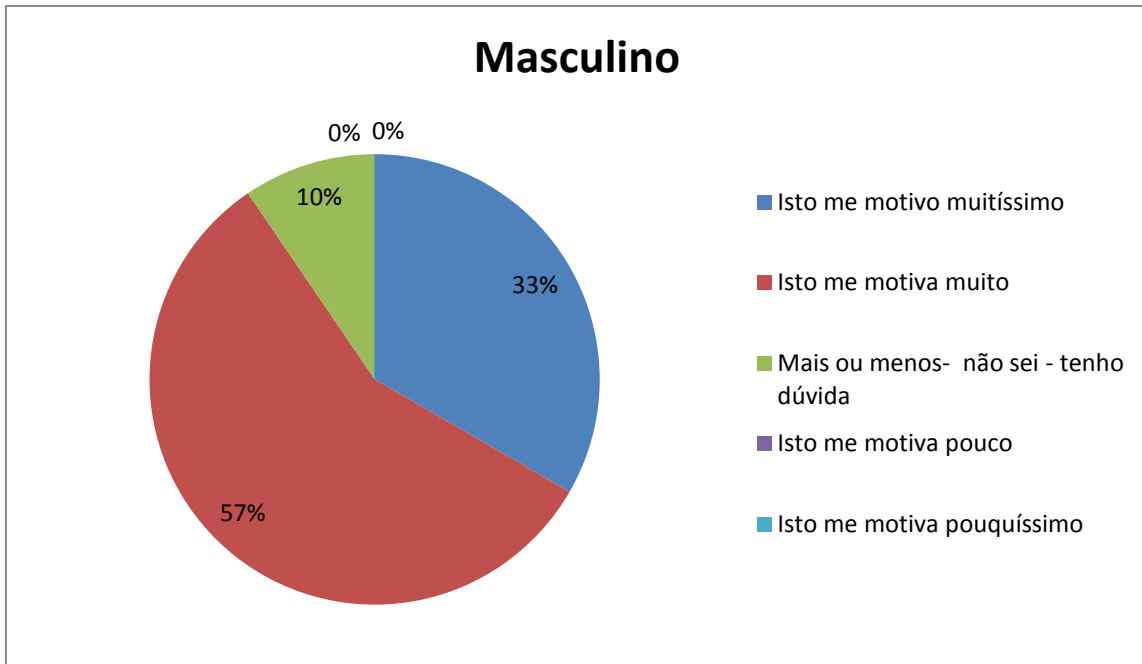






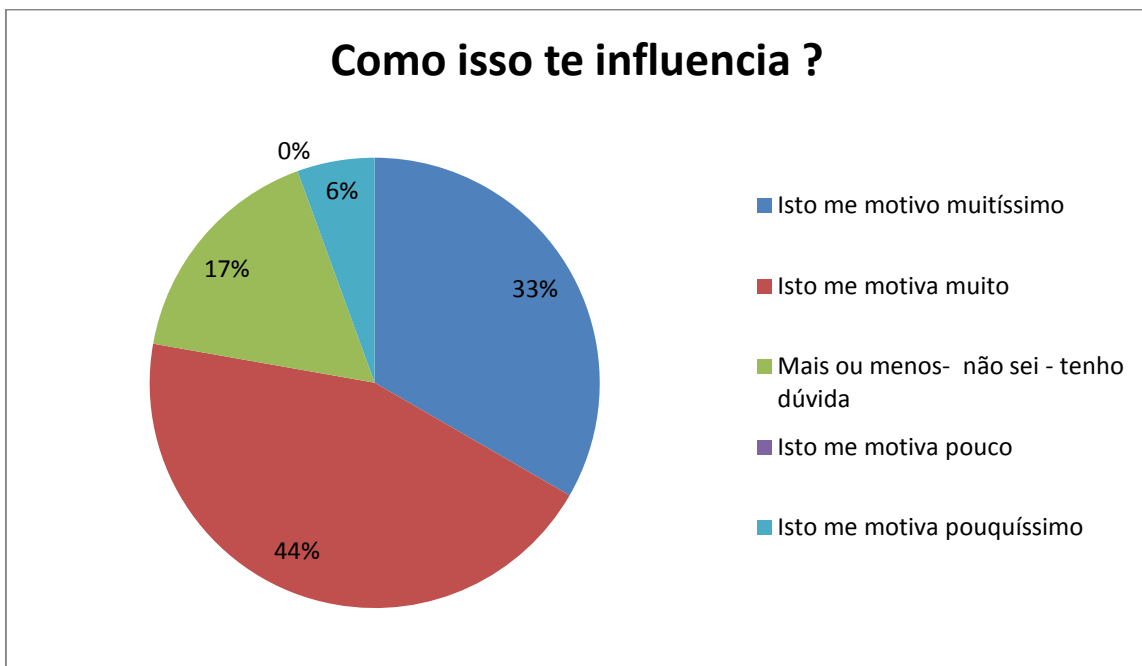
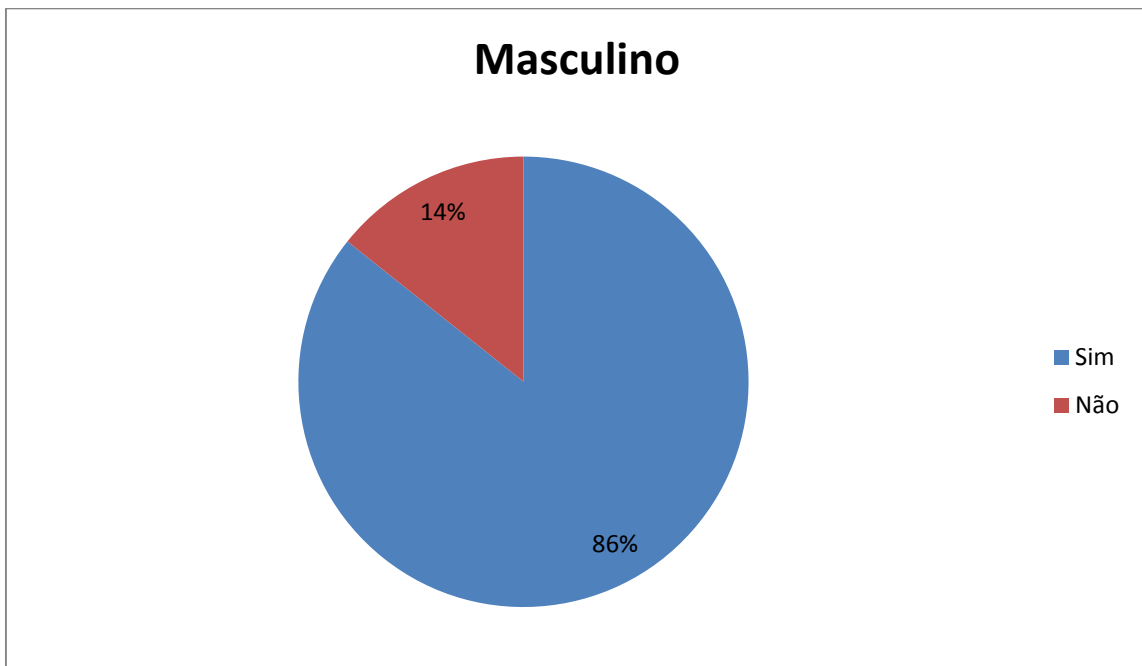
Novamente a maioria (86%) dentro do grupo masculino respondeu que se sente muitíssimo motivado jogando com o ginásio lotado e entre o grupo feminino, se dividiram entre “isto me motiva muito” e “isto me motiva muitíssimo”. Esses resultados vão contra os estudos de Moore (1993) cujo trabalho não identificou quaisquer diferenças nas estatísticas do jogo causadas pela presença/ausência de público, em jogos de basquetebol.

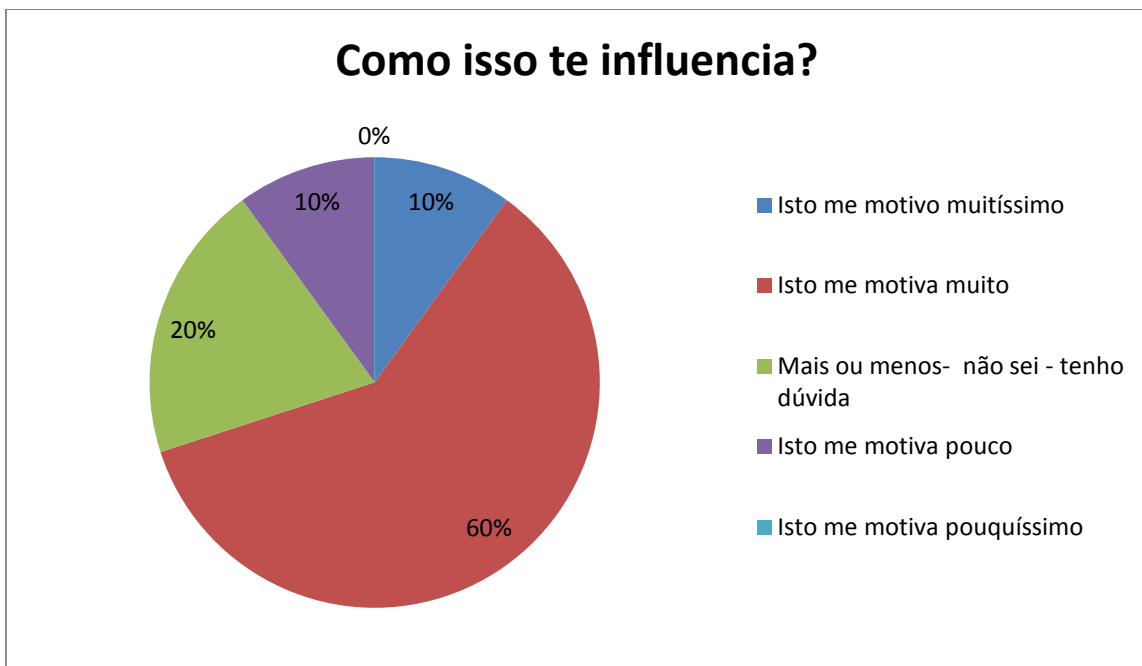
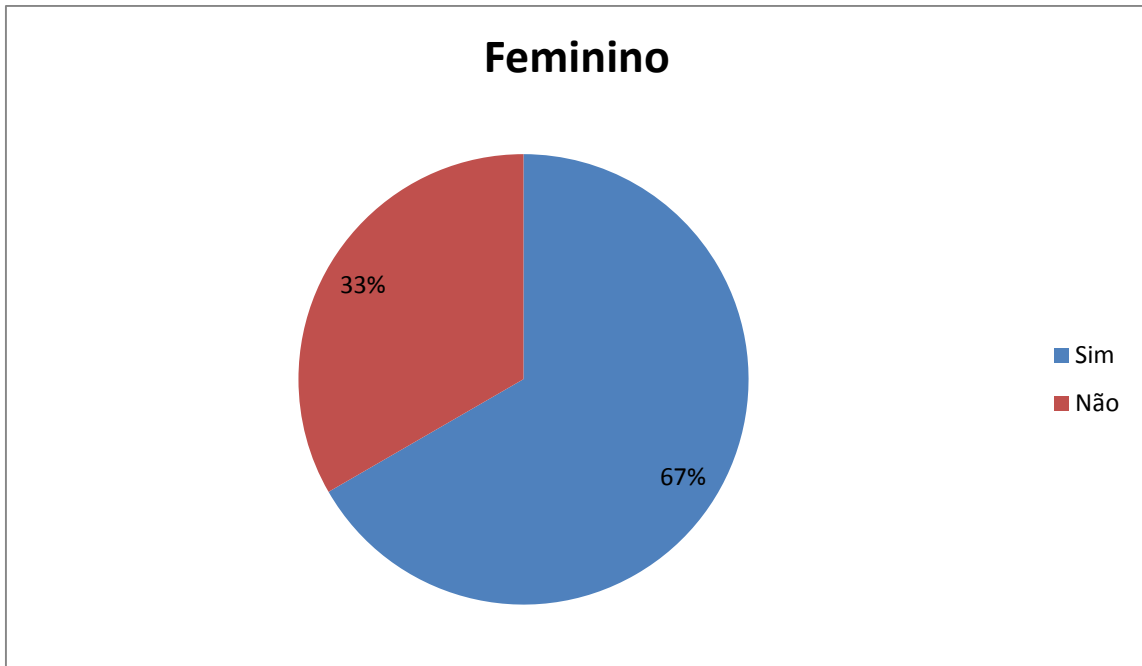
9) Como a atitude dos seus companheiros de time influencia você em jogos em casa?



Nesta pergunta pela primeira vez os gêneros concordaram na maioria das respostas, 57% dos homens e 53% das mulheres responderam que se sentem muito motivados em relação a seu companheiro de time em jogos em casa. Outros números significativos são os 33% entre os homens respondendo de se sentem muitíssimos motivados e 27% entre as mulheres respondendo que se sentem pouco motivadas em relação a seus companheiros de time em jogos em casa. Para Junior (2004) o clima existente na equipe é o gerador de grandes amizades (muitas destas duradouras) e, por outro lado, esse clima pode levar a inúmeros conflitos entre atletas do mesmo clube.

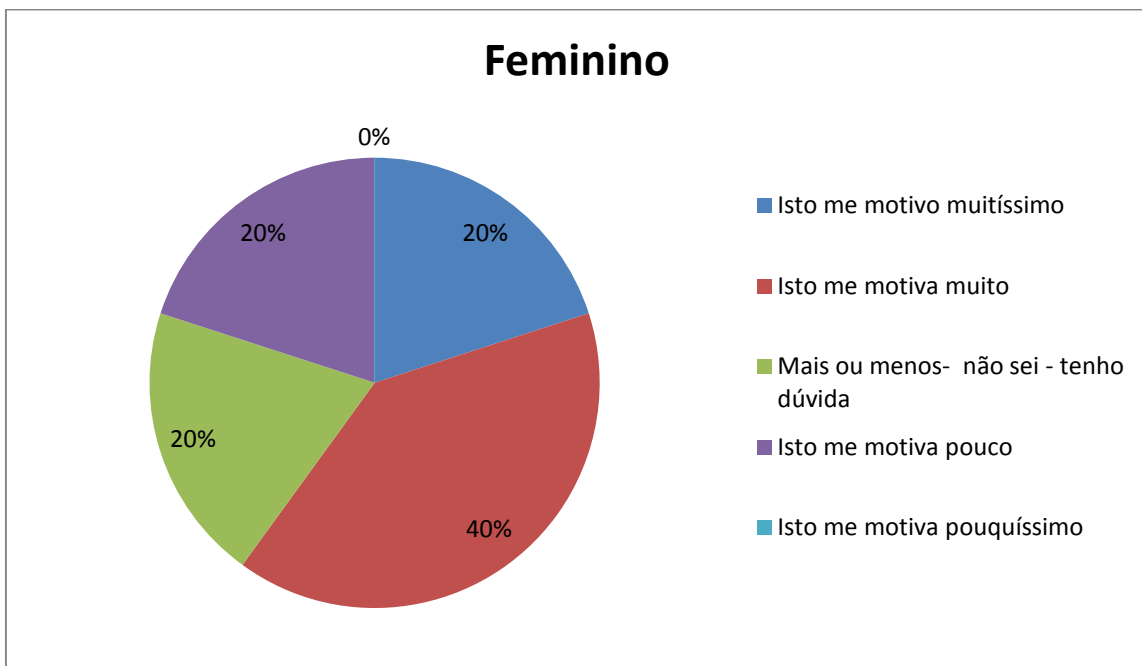
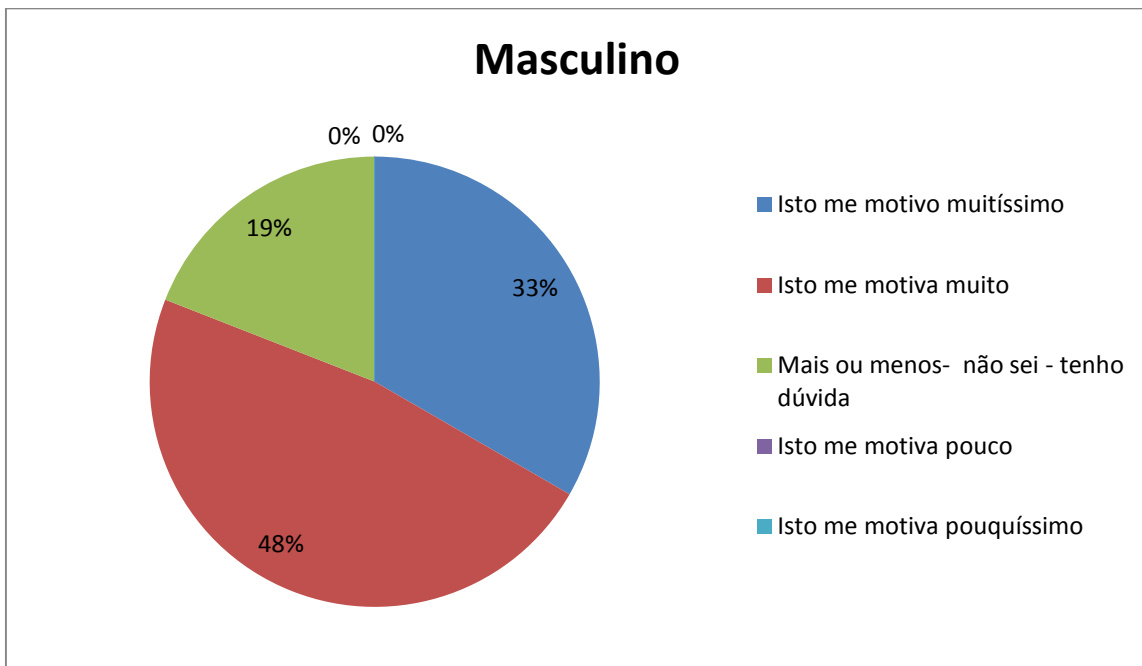
10)A cobrança do técnico muda em jogos em casa? Como isso te influencia?





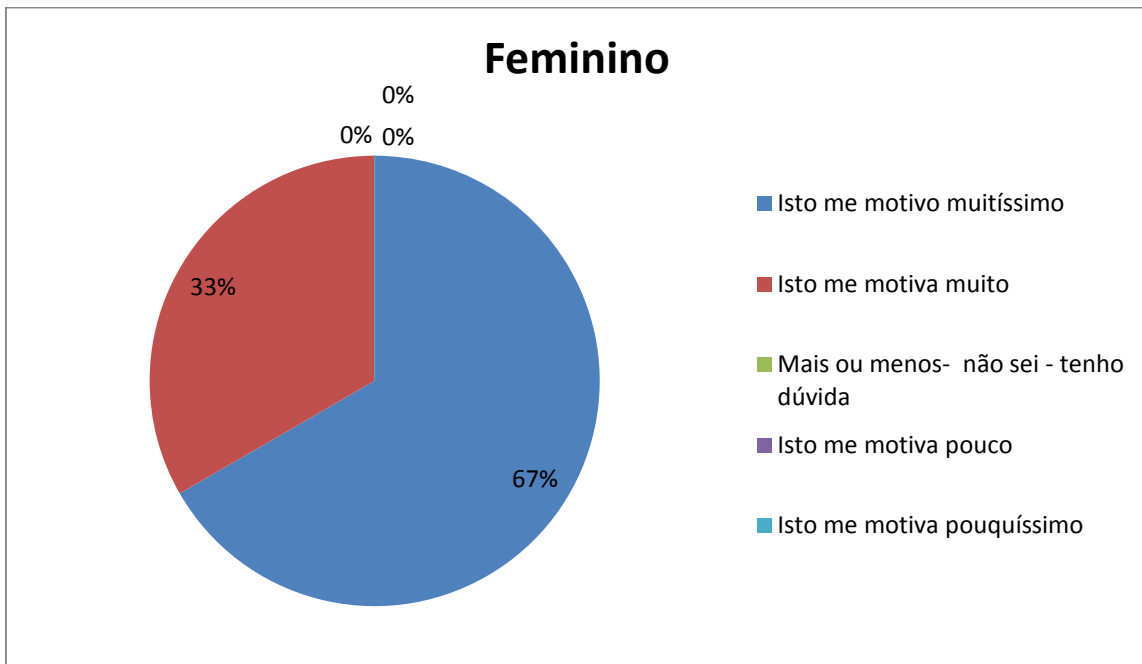
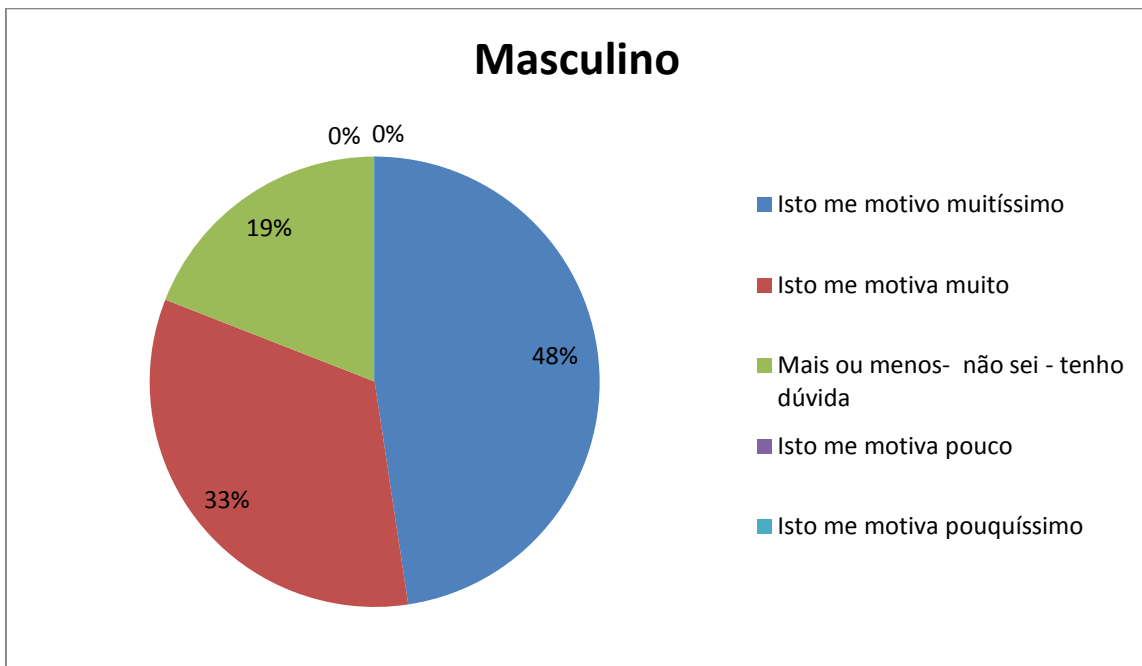
A grande maioria (86%), no masculino, respondeu que acha que o técnico muda em jogos dentro de casa e que dos que responderam que “sim”, 44% se sente muito motivado e 33% se sentem muitíssimo motivado com essa mudança do técnico. Entre o grupo feminino, não muito diferente do masculino, 67% responderam que acham que o técnico muda em jogos em casa e entre as que responderam “sim” 60% acha que a mudança do técnico motiva muito elas.

11) Como a possibilidade de ganhar em casa te influencia?



Como se pode ver no gráfico acima a maioria dos homens, 48%, se sente muito motivado e 33% se sente muitíssimo motivado sobre a possibilidade de ganhar em casa. Já entre as mulheres a maioria, 40%, respondeu “isto me motiva muito”, chama a atenção o resto das respostas dadas, elas se dividem em “isto me motiva muitíssimo”, “mais ou menos – não sei – tenho duvida” e “isto me motiva pouco” com 20% cada.

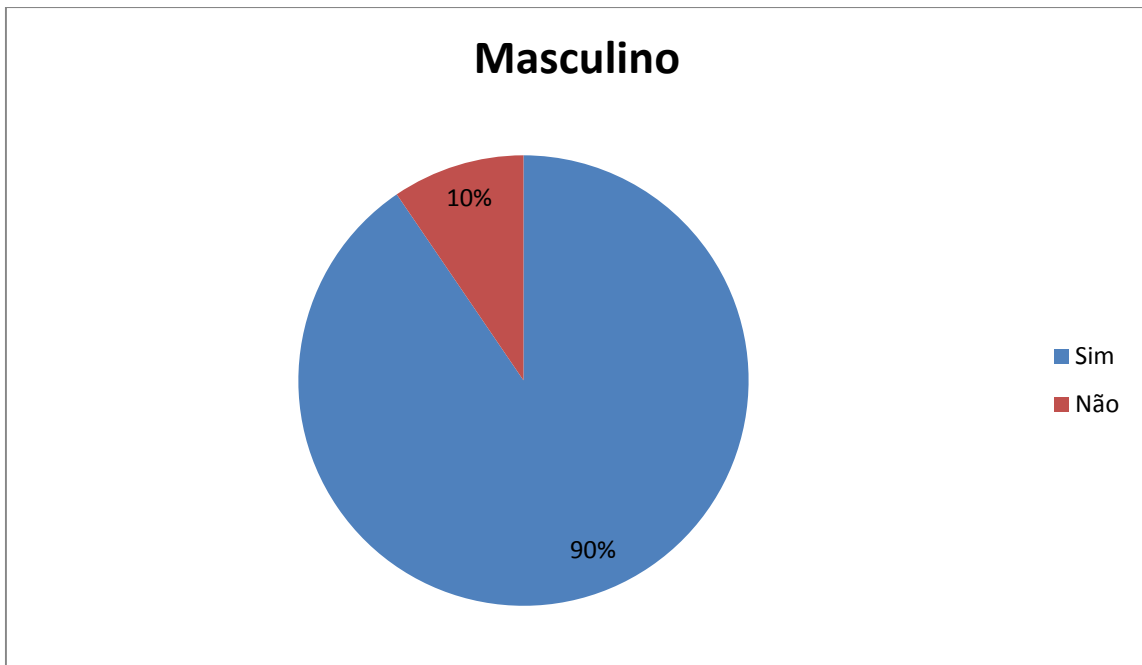
12)E a possibilidade de ganhar fora de casa?



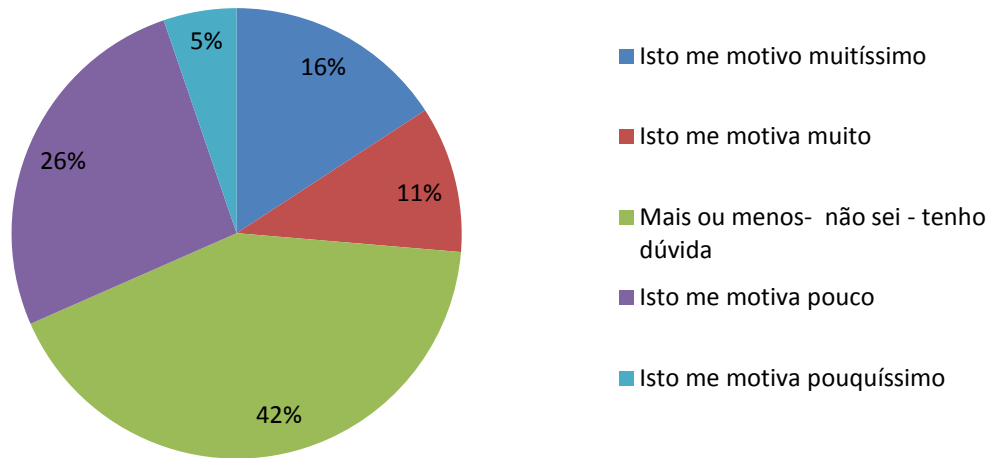
Entre o grupo masculino a maioria das respostas dadas foi “isto me motiva muitíssimo” com 48%, seguida de “isto me motiva muito” com 33% sobre a possibilidade de ganhar fora de casa. Entre o grupo feminino a maioria das respostas dadas foi “isto me motiva muitíssimo” com 67% seguida de “isto me motiva muito” com 33% sobre a possibilidade de ganhar fora de casa, chama a atenção pelas respostas se dividirem apenas entre essas duas respostas. No geral, comparando com a pergunta anterior, os atletas que responderam o questionário se

sentem mais motivados com a possibilidade de ganhar fora de casa do ganhar em casa. Sobre essa diferença Edwards (1989) realizou um levantamento em que jornalistas fazem mais referências à dificuldade de vencer a equipe da casa do que qualquer outro fator, sendo, talvez, esse o motivo de se sentirem mais motivados a ganhar fora de casa.

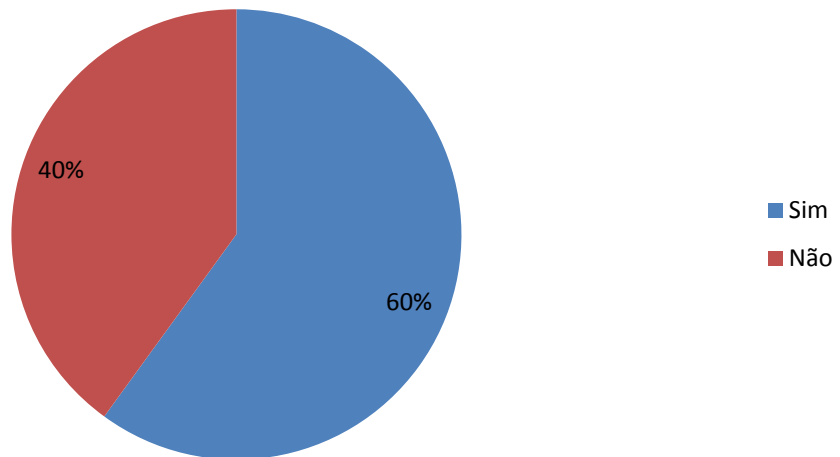
13)O árbitro reage diferente à pressão da torcida do time que joga em casa?  
Como isso te influencia?



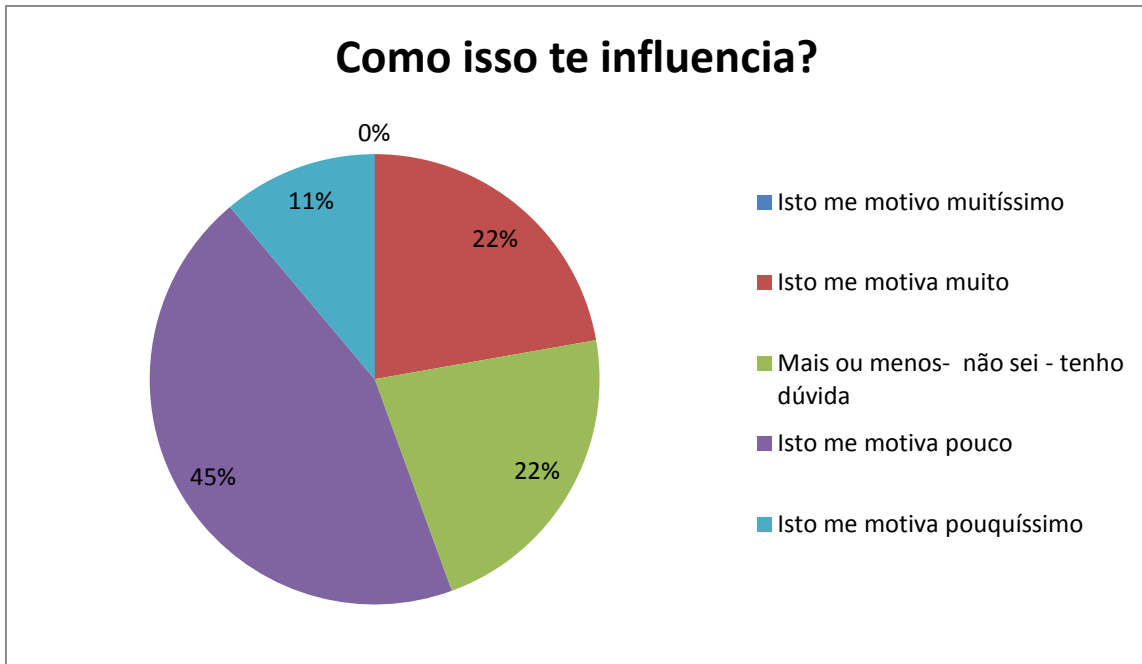
### Como isso te influencia?



### Feminino

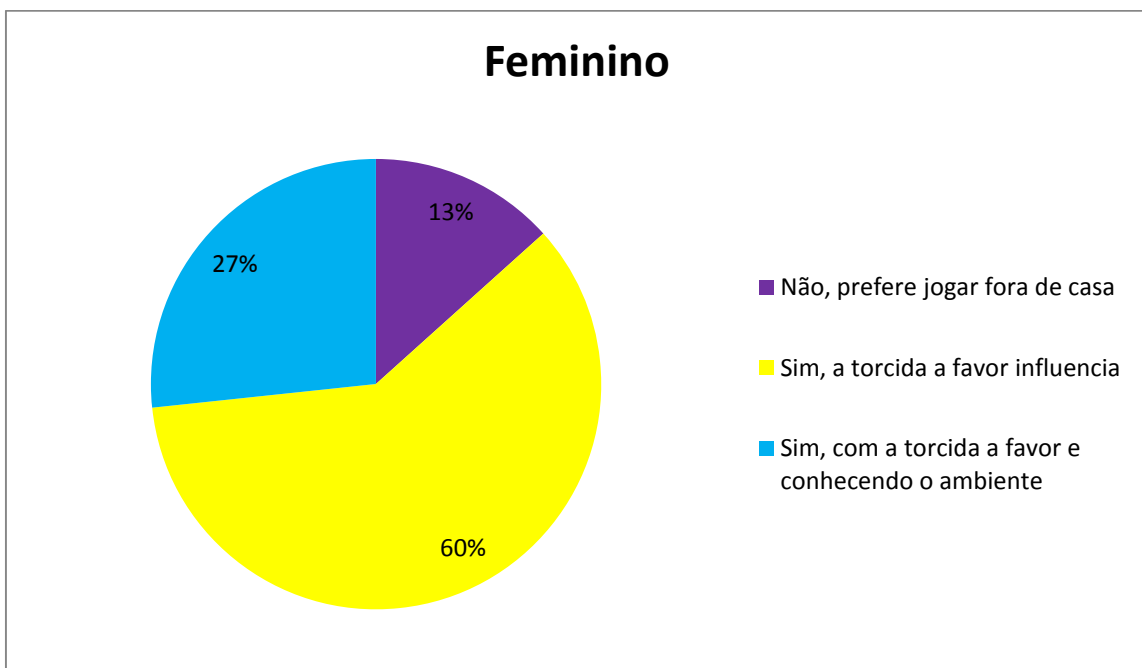
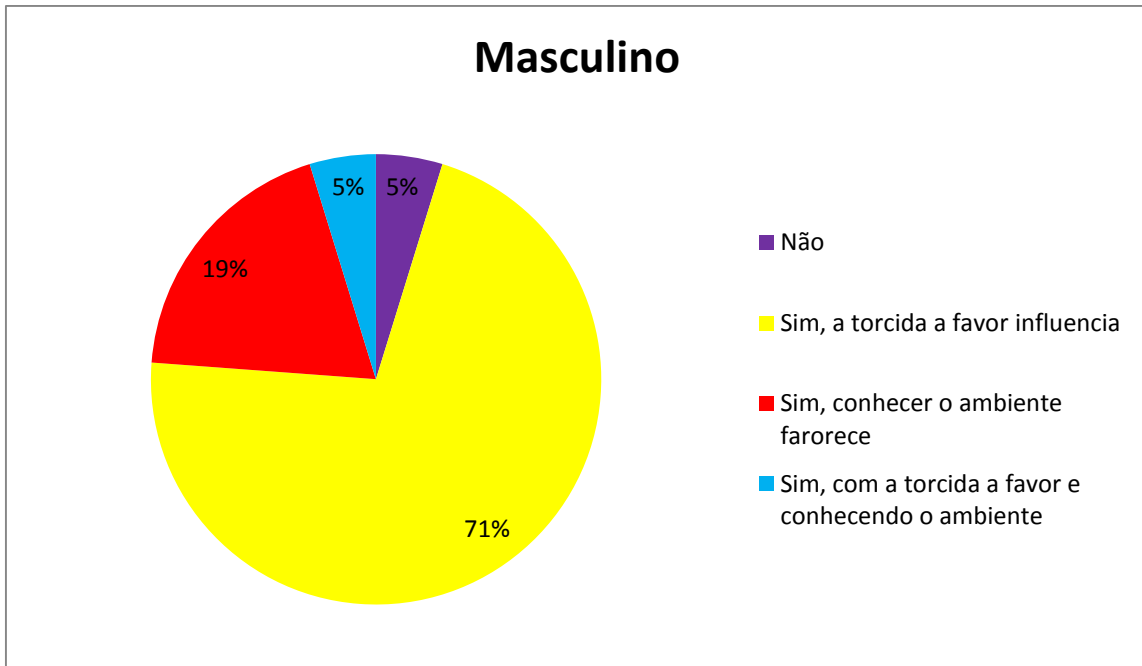






A maioria dos homens, 90%, respondeu que acha que o árbitro reage diferente a pressão da torcida que joga em casa, e que dos que responderam “sim”, 42% acham “mais ou menos – não sei – tenho dúvida” mas o que chama atenção são os 26% que responderam “isso me motiva pouco” que foi a maior porcentagem desta resposta em todo questionário. Entre as mulheres, as respostas “sim” e “não” não tiveram tanta diferença, 60% e 40% respectivamente, mas entre as que responderam “sim”, 45% se sentem pouco motivadas e o restante de forma bem variada.

14) Você acha que jogar em casa aumenta a possibilidade de vitória ou de reverter um resultado? Justifique.



Como esta pergunta foi aberta utilizarei o método de categorização, que Forghieri (1989) descreve como a interpretação das respostas seguida pela separação das mesmas em categorias de fala.

Segundo os gráficos acima tanto o sexo feminino, quanto o sexo masculino responderam que a torcida é o maior fator que aumenta a possibilidade de vitória ou de reverter um resultado. Entre o grupo feminino estar com a torcida a favor e conhecer o ambiente foi a segunda resposta mais dada, diferentemente do

masculino que foi conhecer o ambiente (uma resposta que não foi dada entre as mulheres). E também chama a atenção o número de respostas “não” dadas pelo grupo feminino, indicando que algumas preferem jogar fora de casa.

## 4 - Considerações finais

Com base nos resultados obtidos no questionário, pode-se afirmar que de uma maneira geral o grupo masculino é mais motivado que o grupo feminino e que eles se sentem mais a “vontade” jogando em casa do que fora de casa, o que ratifica Nevill e Holder (1999) que em seus estudos mostra que a vantagem de jogar em casa tem sido um fator preponderante para a determinação do resultado final dos jogos em diferentes modalidades desportivas.

Também nota-se que todos ficam mais motivados com a possibilidade de ganhar fora de casa do que ganhar em casa, o que também explica o resultado da pergunta sobre jogar com a torcida contra, em que a maioria respondeu que se sente muito motivado.

Segundo o questionário o que menos motiva os atletas, é a possibilidade do arbitro reagir de maneira diferente sobre a torcida do time que joga em casa, principalmente no masculino que participa de mais jogos e campeonatos, e tem mais vivencia de jogos.

A torcida, seja ela a favor ou contra, influencia de uma maneira geral motivando os atletas, mas com uma diferença entre os gêneros, motivando bem mais os homens do que as mulheres. Principalmente com a torcida contra e com a torcida de amigos/namorado, situações respondidas pelos homens como muito motivante e muitíssimo motivante, respectivamente, e pelas mulheres como muito motivante e pouco motivante, respectivamente.

Sobre, “como as atitudes de seus companheiros em jogos em casa te influencia?”, novamente mostra que o masculino é mais entrosado e que seus jogadores tem mais confiança no grupo (mais respostas “isto me motiva muito” e “isto me motiva muitíssimo”), comparando com o grupo feminino.

Com esses resultados, percebe-se um grupo masculino muito bem unido e muito motivado a jogar, e o grupo feminino se mostra mais inexperiente a situações de jogo e não “formado”. Também é uma forma do treinador conhecer melhor seus

atletas e em momentos decisivos saber que pode contar com determinados jogadores (as).

Portanto, essa é uma área que merece mais atenção, pois no esporte competitivo qualquer vantagem pode decidir o resultado da partida, e qualquer diferença, entre jogadores, pode mudar o rumo do jogo.

## 5 - Referências Bibliográficas

BECKER JR, B. **Manual de psicologia do esporte & exercício**. Porto Alegre: Nova Prova, 2000.

BRANDÃO, M. R. F. Psicologia do Esporte. In: Neto, A. F; GOELLNER, S. V. e BRACHT, V. (orgs). **As Ciências do Esporte no Brasil**. 1995.

BROTTO, F O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como exercício de convivência**. Santos. Editora projeto Cooperação, 2001.

CAILLOIS, R. The structure and classification of games. In W.J. Morgan and K. V. Meier (eds), **Philosophic inquiry in sport**. Champaign (Ill), Human Kinetics, 7-15, 1988.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

COIMBRA, D. R; GOMES, S.S; CARVALHO, F; FERREIRA, R; GUILLEN, F; MIRANDA, R; BARRA FILHO, M. Importância da psicologia do esporte para treinadores. **Revista Conexões**. Campinas, v. 6, n. especial, 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL. Origem. Disponível em <http://www.cbfs.com.br/novo/index.asp>. Acessado em 11 de março de 2009.

CRATTY, B. **Psicologia no Esporte**. Traduzido por Olívia Lustosa Bergier; 2ª edição, Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

CSJ. **Sobre futsal**. Disponível em: [http://www.csj.g12.br/info/futsal/sobre\\_futsal.htm](http://www.csj.g12.br/info/futsal/sobre_futsal.htm). Acessado em 11 de mar. 2009.

DE ROSE JR, D. **Esporte na infância: estresse ou divertimento?** In R. MIRANDA, III Simpósio Mineiro de Psicologia do Esporte, Juiz de Fora UFJF, 1-6, 1997.

DE ROSE JR, D; DESCHAMPS, S; KORSAKAS, P. Situações causadoras de estresse no basquetebol de alto rendimento: fatores extracompetitivos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília. V. 9 n.1, 2001. P.25-30.

DUDA, L; CHI, L; NEWTON, L; WALLING, D; CALLEY, D. Task and ego orientation and intrinsic motivation in sport. **International Journal of Sport Psychology**. 1995. P. 40-63.

EDWARDS, J; ARCHAMBAULT, D. The Homefield Advantage. **Sports, Games, and Play: Social and Psychological Viewpoints**. Ed. J. Goldstein. 1989. Hillsdale: Erlbaum. p. 333-370.

FERREIRA, E. M. R. S. **O estado de ansiedade pré-competitiva e autoconfiança**. Estudo realizado com jogadores seniores de hóquei em patins. 2006. 89f. trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.

FORGHIERI, I. **Psicologia Fenomenológica**. São Paulo: Pioneira, 1989.

FUTSAL BRASIL. **Artigos**. Disponível em: [http://www.futsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php?cd\\_artigo=159](http://www.futsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php?cd_artigo=159). Acessado em 11 de mar. 2009.

FUTSAL BRASIL. **História do Futsal**. Disponível em: <http://www.futsalbrasil.com.br/historia.php>. Acessado em: 11 mar. 2009.

GRECO, P. J. **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. V. 2

JONES, G. More than Just a game: Research developments and issues in competitive anxiety in sport. **British Journal of Psychology**. n. 86, 1995. p. 449-478

JUNIOR, D. R. A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília v. 10 n. 4, 2002. p.19-26

JUNIOR, B. D. **Um estudo sobre o nível de ansiedade estado pré-competitiva em atletas de futsal**. Dissertação de mestrado em Educação Física da Universidade de Pato Branco, Pato Branco.

MACHADO, A. A. **Aspectos psico-pedagógicos da competição esportiva-escolar**. Campinas, SP: Unicamp, dissertação de mestrado, 1994.

MACHADO, A. A.. **Psicologia do esporte: temas emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1997.

MADRIGAL, R. JAMES, J. Team Quality and the Home Advantage. **Journal of Sport Behavior**. n. 22, 1999. p. 381-398.

MARKUNAS, M. A psicologia e os esportes coletivos. **Boletim do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia do Esporte da Universidade de São Paulo**. Ano 1, n.1, dez.1999.

MARTENS, R; VEALLEY, R. S. & BURTON, D. **Competitive anxiety in sport**. Champaign (I11), Human Kinetics, 1990.

MOORE, J. BRYLINSKY, J. Spectator Effect on Team Performance in College Basketball. **Journal of Sport Behavior**. n. 16, 1993. p. 77-85.

MORENO, R. M; MACHADO, A. A. Re – significando o esporte na educação física escolar: uma perspectiva crítica. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo de Pinhal, São Paulo. v. 6 n.8 Jan/Jun 2006.

McPHERSON, B.D; CURTIS, J.E. & LOY, L. W. **The social significance of sport: an introduction to the sociology of sport**. Champaign (Ill), Human Kinetics, 1989.

NEVILL, M. A; HOLDER, R. L. Home Advantage in Sport: An Overview of Studies on the Advantage of Playing at Home. **Sports Med**. n. 28, 1999. p. 221-236

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1989. 287p.



RIERA, J. **Introducción a la psicología del deporte**. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1985.

ROFFÉ, M. **Fútbol de Presion: Psicología aplicada al deporte**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2000.

RUBIO, K. Análise social do fenômeno esportivo e o papel do psicólogo. In.: K. Rubio (org.) **Psicologia do Esporte Aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RUBIO, K. A Psicologia do Esporte: Histórico e Áreas de Atuação e Pesquisa. São Paulo. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**. 1999

RUIZ, E. J. G. **Manual de Psicología del deporte: conceptos y aplicaciones**. Murcia: capítulo três, 1997.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação da pratica**. 1992. P 53-73, 167.

SINGER, R. N. **Sport psychology: an analysis of athlete behavior**. Ithaca: movement, 1980.

SINGER, R. N. **Psicologia Dos Esportes: mitos e verdades**. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil, 1982.

TEIXEIRA, H. **Educação Física: futebol de salão**. São Paulo: Saraiva, 1979. V. 1.

TOLLUSI, F. **Futebol de salão**. 3ed. São Paulo: Hemus, 1986.

YALLOP, D. A. **Como eles roubaram o jogo: o segredo dos subterrâneos da FIFA**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

